21 ABRIL 1956

Careta

4 CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2.495 ANO XLVIII

OS MAIS MAIS

Como conseguiu você essa luca ?!

Foi muito simples: Saí daqui sem máscara e você não fêz onda...

Use Lisobarba

antes e depois da barba e barbeie-se com qualquer instrumento.

Lisobarba não é sabão

É UM CREME ANTISSEPTICO
AMOLECE A BARBA E EVITA AS IRRITAÇÕES

LISOBARBA UM PRODUTO DO LABORATORIO
ANTISARDINA..

JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
END. TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFÔNIO - 22-3721

Êste número contém 44 páginas.

LOOPING the LOOP

A INDÚSTRIA NACIONAL

"A REVOLUÇÃO industrial por que o Brasil passa, precisa de capitais e máquinas, de técnicos e de muito material humano, bem disciplinado e de bôa saúde. Mas acontece que não temos bastantes técnicos nem, quanto à obtenção e preservação do último item, bastantes médicos."

E' com estas realisticas palavras que certo sueltista, do "Correio da Manhã", principia um artiguete, publicado à página 6, da edição do dia 8 do corrente mês.

Seja qual fôr a opinião do autor a respeito da artificial, estúpida e mofina indústria nacional, que é, na sua quase totalidade, uma das grandes desgraças desta terra, o que êle escreveu, linhas acima é a pura expressão da verdade: **para tornar-se país artificialmente industrial, terá o Brasil de importar capitais, máquinas, técnicos, matérias primas, operários especializados etc.**

Isso faz-nos lembrar certa criatura, que conhecemos trinta anos atrás, que queria, à viva fôrça, tornar-se cantora lirica. Para realizar essa sua grande aspiração, só lhe faltavam voz, estampa, mocidade, beleza fisica etc. Tinha, não obstante, que vir a ser cantora lirica, porque assim queria. Como o pai era "troça" nesta terra, conseguiu que a fizessem cantar, certa noite, no Municipal, uma ópera, dessas que "enchem" um mortal! Não obstante a claque, foi a "promissora" prima dona tremendamente vaiada, terminando, ao nascer, sua infausta carreira artistica, para a qual **só** lhe faltavam as condições essenciais...

Para a transformação do Brasil em país industrial também tudo lhe falta. Tudo, menos o mais demagogico, estúpido e pernicioso codigo de trabalho, código que constituiria verdadeiro espantalho à vinda de capitais alienígenas aplicáveis em novas indústrias. Entretanto, não obstante todos êsses percalços, vemos montarem-se, nesta terra, novas e cada vez maiores emprêsas industriais! Como se justifica isso?!

A explicação é muito facil: **O lucro industrial neste país é de tal vulto que, mesmo em face de tantas condições adversas, é negócio do Chino, para os industriais estrangeiros, a montagem de indústrias no Brasil.**

Enquanto o lucro industrial, na America do Norte e na Europa, gira por volta de 8%; nesta abençoada terra, de piratas e "tubarões", raramente é êle inferior a 100%! E negócios há, como os de sorvetes e refrigerantes, por exemplo, cujo lucro oscila entre 100% a 500%!!!

Fábricas e usinas estrangeiras foram aqui montadas, as quais, ao cabo de um ano de trabalho, estavam inteiramente pagas, no Exterior, do capital nelas empatado! Daí por diante, os felizardos proprietários dessas fábricas e usinas passaram a remeter, todos os anos para fora do país, através do mercado livre de câmbio, sob a forma de lucros industriais, o valor do capital empregado na indústria!!!

Quem não quererá ser industrial numa terra dessas? Só mesmo quem estiver dormindo ou então fôr muito burro...

Bob

Lá e Cá!...

Jania — E a extradição do Ademar?

M. Soares — Pediram-me que aguardasse oportunidade para troca...

Jania — Troca?

M. Soares — Sim. Quando um dos piratas de lá fugir para cá...

A mulher que chega tarde

ESTA bôa D. Lili chega tarde a tôda parte. Deita-se quando os outros se levantam, levanta-se quando os outros ceiam e ceia quando os outros tomam o primeiro almôço.

E' verdade. A Lili, a Lili tal como vocês a conhecem, simpática e estabocada, bôa rapariga e boêmia, que começou como corista nos teatros da cinelândia e atualmente frequenta os buates da cidade, nunca conseguiu chegar ao cha das cinco senão às oito, quando os criados ja levantaram as toalhas e empilharam as chicaras; nunca conseguiu perceber uma peça, porque chega ao teatro já a meio do 2.º ato, nunca conseguiu chegar á hora a um encontro.

O último caso da Lili é um rapaz moreno e simpático, que a ama com exagêro. Modesto e apaixonado, não se acostumou ainda a idéia de que essa pequena delicinsa não possa deixar de chegar tarde aos encontros combinados.

— Lili — diz-lhe êle — tu não gostas de mim! Marcas-me encontros nos mais variados pontos e chegas sempre tarde. Vens, afinal, porque és bôa jovem e não tens coragem de deixar-me. E' o que é! O amor implica certa dose de impaciência que ainda não descobri em ti! Se tu amasses, serias impaciente!

Lili desculpa-se como pode.

— Não, filho, não, juro-te que até estou chateada de ter chegado tarde. Pela minha saúde! Mas que queres? — atrasei-me não sei como. E' esta sina de chegar tarde! Nunca sei como me atraso.

— Acho que é atraso demasiado. Repara: combinaste encontrar-me às quatro horas e são sete e um quarto...

Ela olha para o relogio. E' verdade! Sete e um quarto! Como o tempo passa!

Êle menea a cabeça, desalentado. Ela jura que lhe diz a verdade. E mais: Não é pontual, porque não pode, porque o chegar tarde é um atributo da sua natureza. Mas vai fazer por se emendar. Ah! Vai!!

E' claro que não se emenda nunca...

x ✧ x

— Ouve — disse-lhe êle certo dia — estou absolutamente disposto a conquistar certezas definitivas sôbre o teu amor. Se é verdade que me amas como dizes, prova-o! Peço-te isso: chegues á hora uma vez, só uma vez! Amanhã espero-te às quatro horas. Se gostas de mim estás lá às quatro horas. Se não gostas, não estás. E às quatro e cinco mato-me!

Era uma loucura. E a tentou convencê-lo disto, usando de amorosa persuasão. Ele teimou.

No dia seguinte Lili tomou precauções graves. Pequeno almôço às dez horas, levantou-se ao meio dia,

VAI SER MÃE?
DELIVRANCINA
MEDICAMENTO DAS PARTURIENTES PREPARA O ORGANISMO PARA UM PARTO FELIZ EVITA O ABORTO, VOMITOS, ENJOOS, CANSAÇOS SEU USO E PROVIDENCIAL DURANTE TODA A GRAVIDEZ FARMACIA SIMOES
RUA MATOSO 33 — RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

pôs o caso em estado de sitio e à uma estava na rua.

— Desta vez chegarei a tempo! — pensava

Desceu a Avenida a pé. Foi à modista. Fêz uma visita a uma amiga. Viu as vitrinas. Lembrou-se de levar um presente ao seu "mais-que-tudo". Entrou numa loja e noutra. Escolheu, discutiu preços, — comprou. Uma cigarreira em prata lavrada. Bonita! Olhou para o minúsculo relógio de pulso. Três e meia! Tinha tempo! Por azar, na mesma casa vendiam-se bôlsas de senhora. Se bem que ela não tivesse grande falta de bôlsas, ver não custa dinheiro. Começou a vê-las, uma por uma. A caixeira entusiasmava-a com esta — "muito chique, faz "toilette"!" — com aquela — "é um mimo para um vestido "cyclamen"!" — e com aquela outra — "um modêlo que em Paris custa mil francos"!

Eram quatro horas. Lili discutia com o empregado a qualidade e preços. Saiu a correr. Queria tomar um taxi. Mas, também por azar, passou pela vitrina duma loja de chapéus...

... Eram seis horas quando Lili tomou um taxi!

— Seis horas! Sou uma infeliz! A esta hora já êle está morto! Morto! Por minha causa!

Lili chorava. Mandou parar numa casa de flôres. Comprou uma coroa com inscrição que atestava um amor eterno.

Depois o auto rodou velozmente para o lugar onde o cadaver, àquela hora, já devia estar a esfriar!

Olhos chorosos, a coroa nos braços, ela subiu. Tremia. Bateu à porta. Foi êle próprio quem, furioso mas vivo, abriu. Olhou Lili, olhou a coroa e exclamou, compreendendo a intenção daquele funeral que estava:

— Ora até que enfim, Lili, até que enfim! Foi a primeira vez que te adiantaste!

OS AVIADORES "POLARES" PARECEM MARCIANOS

Os aviadores americanos, destacados nos postos de Alasca, onde a temperatura média anda pela casa dos vinte graus abaixo de zero, estão usando estranho capacete. É uma espécie de capucho, em tecido impermeavel forrado de pele, cujas bordas, que deviam normalmente enquadrar o rosto, prolongam-se muito para a frente, como o focinho do porco, mas termina por larga abertura. Dêsse modo a face do homem fica abrigada do frio, do vento gelado sem prejudicar a respiração. Mas o individuo, assim encapuzado, não pode ver direito. Só enxerga o que está à sua frente. Para ver o que está ao lado, tem de virar a cabeça, o que torna muito fatigante o uso dêsse curioso capacete. É, contudo, muito eficaz contra os maleficios do baixa temperatura.

✧

A idéia dêsse capuz não é devida nem a aviadores nem a especialistas de equipamentos polares. Sua invenção é devida quase ao acaso. O suboficial de um dêsses destacamentos perdidos nas regiões polares regressou à pátria para gozar um periodo de férias. Quando em serviço teve de lutar contra o frio e verificou que, se era relativamente fácil defender os pés e as mãos, os dispositivos previstos para o rosto não satisfaziam. Ora, certo dia, sua atenção foi atraída pelos desenhos que seu filho, de doze anos de idade, traçava num papel. Êle queria representar os marcianos e os apresentava com exquisitas trombas truncadas, terminando por dilatadas aberturas. Isso constituiu verdadeira revelação para o militar. Essa pequena tromba poderia pôr o rosto ao abrigo da rigorosa temperatura. Para seu uso pessoal mandou fazer o capuz e passou a usá-lo quando voltou a seu posto nas regiões árticas. Os oficiais viram-no e logo, com ligeiras modificações, o capuz foi adotado para uso dos aviadores polares.

✧

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Milão — Processada por cumplicidade nos furtos de carros cometidos por seu marido — Maria Zola, de 19 anos de idade, declarou que era verdade que ela acompanhava o marido nas suas "expedições", mas simplesmente "para estar bem certa de não ser enganada por outras mulheres"

PERFUMARIA FLORAMÉLIA LTDA.
Rua Francisco Manoel, 273 — Telefone 29-0867

Comedia infinita

O MINISTRO da Saúde pretende que penicilina, sulfas e hormônios não sejam mais vendidos sem receita médica.

Era de esperar que antes disso, o Ministro se preocupasse com a fraude que notòriamente domina a mór parte da indústria das drogas. Raro será o remédio que contém o que a bula anuncia.

Mas a medida adotada pelo Ministro não visa a proteger o povo, mas, sim, proteger os médicos... sem clínica.

x ✧ x

O novo Presidente da COFAP, ao chegar ao seu gabinete de trabalho, encontrou sôbre a mesa uma ratoeira. Verificou logo como a COFAP está mal aparelhada. Para atender às necessidades locais precisaria de centenas de ratoeiras, atora trigo roxo às escuras.

x ✧ x

O Diretor do Departamento de Concessões enviou à Vereadora Dulce Magalhães um passe gratuito para ônibus e lotações.

A Vereadora devolveu o presente. Não faz concessões...

x ✧ x

O Prof. Armando Hildebrando foi demitido da função de Diretor do Ensino Secundário por ter se oposto a que a "Casa do Professor" seja transformada em residência particular do Ministro Ilkimin.

Deram-lhe uma "lição"...

x ✧ x

Continuam estourando aqui e ali os escândalos das nomeações do pessoal do P.T.B. Agora é o do médico Nelson Mendes Shurtoff, que esteve gravemente envolvido em irregularidades no SAMDU e foi nomeado diretor do IAPI.

E' isso, o P.T.B. não abre mão de suas brilhantes tradições.

x ✧ x

O Prefeito de São Paulo, Sr. Lino Caixinha de Matos, foi vaiado, no seu próprio gabinete, por um grupo de trabalhadores da Cia. Municipal de Transportes.

Desmoralização pouca é bobagem, deve ser a opinião do Prefeito de São Paulo.

x ✧ x

Pegou fogo o "Super-Mercado" do SAPS. A propósito convém lembrar que últimamente eram constantes as reclamações contra a falta de abastecimentos naquele estabelecimento, o qual estaria com enorme rombo, cuja apuração estava difícil de fazer...

Em todo caso, o incêndio aconteceu por mera coincidência...

x ✧ x

Foi destituido de Capitão dos Portos de São Luís do Maranhão o Cap. de Corveta Dylo Almeida, que havia interceptado três barcos com carregamentos clandestinos de uisque e automóveis.

De fato, fôra muita ousadia dêsse oficial de Marinha, perturbar as "arrumações" do Senador Vitorino. Se fôsse para isso, não teria o poderoso donatário do Maranhão apoiado tão ardorosamente o "retôrno" à patifaria vigente...

x ✧ x

O novo Presidente da COFAP, durante a Semana Santa, depois de verificar que o comércio de peixe estava entregue a grosseira e aberta exploração, resolveu comunicar-se, pelo telefone, com o posto de Reclamações da própria COFAP e o posto não atendeu, embora se houvesse anunciado que estaria funcionando em defesa dos consumidores.

E' de admirar que o Coronel da COFAP não soubesse que é sempre assim... Mas é de regra: o marido enganado é sempre o último a saber...

x ✧ x

Mas infelicidade total do Coronel Mindelo foi quando, a toque de caixa e sumàriamente, restabeleceu o preço de 13 cruzeiros para o cinemascope, que a COFAP recentemente tabelara a 11. Constou que assim procedeu por ordem do Catete, aquêle mesmo Catete onde, segundo proclamou, recebera ordem para não conceder nenhum aumento de preço. A coisa era urgente e não podia sofrer riscos no plenário da COFAP, daí o novo Presidente ter feito tudo já e sòzinho.

Fica assim manifesto que a dureza que o Coronel arrotava e as ordens que dizia ter recebido era tudo cinema...

Os *tubarões* continuam mandando no Govêrno do qual o Coronel é dócil instrumento...

Ainda há juizes...

NINGUÉM desanime. Ainda há juizes no Rio. Ao haver, ao medir o infinito de iniquidades que diàriamente se praticam por aí o esmagamento do direito dos fracos pelos fortes, a expoliação dos pobres pelos ricos muita gente pensara que estamos numa situação de desamparo e que os juizes desta terra, a quem cumpre a defesa dos oprimidos e dos humilhados, andam dormindo, embrulhados nas suas togas, indiferentes ao que se lhes passa em tôrno. E' uma ilusão. Temos juizes severos e vigilantes mas sem fôrça porque as armas entre nós ainda não cederam às togas, o que não é culpa dos juizes.

Por isso tôda sua ação se limita às sentenças que lavram, menos como remédio do que como protesto indignado contra as injustiças. São numerosos êsses documentos em que juizes togados deixam nos autos tôda a sua revolta contra as prepotências, as iniquidades da fôrça, seja ela material, econômica ou política. A linguagem é não raro pitoresca e literariamente essas sentenças são curiosas pelas imagens e conceitos, erguendo-se quase sempre a altura de verdadeiros libelos contra os poderosos. Seus autores ousam fazê-lo protegidos por uns restinhos de garantias constitucionais, certos de que nos tempos do nosso *Estado Novo* seriam acusados de comunistas e talvez espezinhados nos rins pelos *especialistas* da polícia política.

E' velho êsse ódio da Fôrça à toga do juiz. Aconselhado por um amigo a fazer justiça a adversários políticos que tinham seu direito garantido por acórdão do Supremo Tribunal Federal, perguntou-lhe o ditador Floriano: "E quem garante os ministros do Supremo ?"

Contudo, ainda temos juizes garantidos por uma precária Constituição. E se bem que juizes haja capazes de proteger com sua toga a contrabandistas de automóveis, a contrabandistas de relógios às toneladas, ainda temos os dispostos a fazer justiça estrita e de lavrar sentenças que profligam energicamente os que burlam a lei e os que acobertam os burladores.

O último caso é o do juiz da 5.ª Vara Criminal, obrigado pela lei a condenar um pobre Jean Valjean que furtára a miséria de duas latas de marmelada a um estabelecimento comercial. Fê-lo porque não o podia deixar de fazer, mas deixou exarado em sentença o constrangimento, em que se via, ao punir um pobre diabo, quando tanto ladrão importante anda por aí à sôlta e gordo e influente. Eis como finaliza o juiz sua sentença:

"O que dói, o que é de lastimar, é que somente as sardinhas sejam apanhadas, ficando impunes os tubarões. Infeliz do juiz que, ponde seu dever acima de qualquer conjuntura, como, nos dias presentes, afrontar o poderio econômico-social de um destes últimos. E' o cúmulo ter de condenar o desgraçado que furtou duas latas de marmelada enquanto a "marmelada" que infelicita a República, a sociedade e o crédito nacional permanece impune porque ninguém conduz grandes ladrões à Justiça". — *Zeferino*

Creme de Barbear COLGATE

Experimente hoje mesmo os dias seu barbear com o gostoso Creme de Barbear COLGATE. Contendo Glik, um novo ingrediente suavizante que realmente faz bem a pele, o Creme de Barbear COLGATE com sua espuma ativa e penetrante permite um barbear rapido e confortavel.

EXPERIMENTE HOJE MESMO
Cr$ 15,00
AVEL E REFRESCANTE!

COMPLETE A BARBA COM AGUA COLGATE

21 4-1956

Calamidade

— O Prefeito declarou-se contra o empreguismo !
— Os politicos, com êsse **Negrão,** vão ver as coisas... **prêtas.**

PINGOS

A propaganda lança mão de todos os meios. Até o escabroso lhe serve. Êsse Tranca de Pitigrilli anunciava, em envoltório de certo livro seu, que se tratava de "romance condenado por ultraje ao pudor". Estímulo para um público **blasé**. Aqui, no Rio, uma artista de teatro barato, prêsa e processada por haver assinado um cheque sem fundos, faz do seu crime chamariz e manda registrar o fato nos próprios bilhetes de entrada. Confere com os tempos.

✧

Perdi o jornal, não me lembro mais qual. O certo é que li num jornal carioca a estranha informação de que o sol no Levante erguia-se justamente no Oriente.

✧

Fala-se na cessação brusca, violenta, da inflação. Contei isso a um motorista de automóvel e perguntei-lhe que é que aconteceria se êle, a cento e vinte quilômetros à hora, metesse de repente o pé no freio, a fundo

O motorista limitou-se a sorrir.

✧

Continuam os atentados às nossas belezas naturais. O morro do Morcêgo, perto da fortaleza de Santa Cruz, foi escalavrado até ao pico por exploradores de pedreira. A paisagem da Jurujuba ficou definitivamente estragada. O Campo de Sant' Ana já teve comido um pedaço, quiseram comer outro para a construção de um templo e os impenitentes destruidores de beleza ainda não perderam a esperança de acabar com êle.

O Campo de Sant' Ana tem os dias contados, podem crer.

Agora a coisa é com a maravilha da praia de Copacabana... Vão alargar a pista de autos e comer, em tôda a extensão, dezoito metros de areia. Dezoito metros !

Argumento dos vândalos: os banhistas só ficam à orla do mar. A parte a ser transformada em pista fica sempre abandonada.

Esquecem que daqui a cinco, a dez anos, com o crescimento da população, tôda a praia será pouca para os banhistas E' a mesma imprevidência dos que, há meio século, fizeram a Avenida Atlântica sem cogitar do futuro — e aí temos os arranha-céus à beira-mar, forçando o atual sacrifício da praia para servir ao trânsito

Que fazer ?

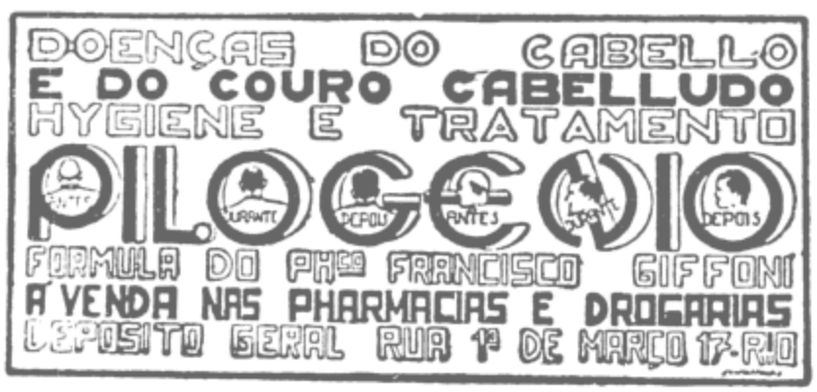
O Pão de Açúcar também lá está com aquela monstruosa verruga no cocoruto.

Enquanto isso, pensa-se em conservar, como "patrimônio histórico", meia dúzia de velhos edifícios coloniais, monstros arquitetônicos em que nasceram ou morreram uns vagos estadistas quase esquecidos.

J. MOURÃO

AS MAIS CURIOSAS NOTICIAS

Nowata (Ohio) — Acusado perante o tribunal, por haver dirigido automóvel em estado de embriaguês, ocasionando acidente, Robert B. Hill alegou, em sua defesa, que estava em jejum quando seu carro foi de encontro ao muro, e que, se os policiais verificaram o contrário, foi porque um transeunte, compadecido, o fêz beber gole por gole dois copos de uisque, para aliviá-lo de sua comoção.



A espécie ideal

por **Anatole France**

HÁ um livrinho alemão chamado: **Notas a acrescentar ao livro da vida,** cujo autor tem por nome Gerhard d'Amyntor, livro cheio de verdade e, portanto, de tristeza, em que se descreve a condição ordinaria das mulheres. "E' com as preocupações diárias que a mulher perde sua frescura e sua fôrça e se consome até a medula dos ossos". A eterna repetição da pergunta: "Que devo fazer hoje para a mesa?" e incessante necessidade de varrer o chão, de escovar as roupas, de espanar tudo isso é a gota dagua cujo constante gotejar acaba de cavar lenta mas seguramente, tanto no pobre como o corpo. E, diante do fogão onde a panela, tal qual por vulgar magia, a criaturinha branca e rosea, de riso de cristal, se torna uma múmia dolorosa. Sôbre o fumarento altar em que ferve a panela são sacrificadas mocidade, liberdade, beleza, alegria." Assim se exprime, mais ou menos, Gerhard d'Amyntor.

Tal é, com efeito, a sorte da imensa maioria das mulheres. A existência é, para ela, tão dura quanto a do homem. E se procurarmos hoje investigar por que essa vida é tão penosa, reconheceremos que não pode ser de outra forma num mundo em que as coisas indispensaveis à vida são raras, de difícil preparação, e de extração laboriosa. Infelizmente são duraveis e medonhas as causas têm pontuais que dependem da pobreza da terra, da sua constituição, de sua má vontade. Seja qual fôr a equidade com que se possa distribuir o trabalho, êle pesará sempre sôbre a menor parte dos homens e das mulheres e poucos dentre êles terão lazeres para desenvolver sua beleza e sua inteligência em condições estéticas.

A culpada disso é a Natureza. E o amor, que lhe sucede? O amor torna-se o que lhe é possivel. A fome é sua grande inimiga. E é fato incontestavel que as mulheres têm fome. E' provavel que em todo o seculo XX, como no seculo XIX, elas cozinharão a menos que voltemos a idade em que os caçadores devoravam ainda quente sua prêsa ou em que Venus unia os amantes nas florestas. A mulher era então livre. Vou confessar lhes se eu tivesse criado o homem e a mulher, têl-os-ia formado de tipo diferente do que prevaleceu. Ter-lhes-ia dado temperamentos superiores. Teria feito homens e mulheres não à semelhança dos grandes macacos, com os quais realmente são muito mal parecidos, que depois de serem agarrados transformam-se em animais e, ao têrmo da vida, não têm outra ventura senão amar e ser pais. Teria eu posto a mira tão alto em fins da existência humana? Certos insetos, na sua derradeira metamorfose, não têm asas e não possuem estômago. Sua unica ventura é a forma adequada para amar um pouco e morrer.

Se ousei [illegible]

(Continua na pagina 13)

Contra manchas, espinhas, cravos e rugas. Previne o contagio de certas infecções.
Purifica e perfuma a pele.
Não deixe de aconselhar ao seu marido usa-la após a barba.

AGUA ANTISSÉPTICA
Flôr de Tiè

PERFUMARIA FLÔR DE TIÈ LTDA. — C. P. 4611 — Telefone 11-46 — RIO
Pelo Correio Cr$ 25,00

FORÇA E SAÚDE
COM
DYNAMOGENOL
É um produto do LABORATÓRIO SIAN

Tônico dos velhos,
moços e crianças

A Mania das Apostas

MESMO assim, para passar o dia inteiro entretido a não fazer nada, com um continuo a ajudar, o Boavida não podia ter arranjado melhor...

Tinha entrado para aquela repartição havia quinze anos e, só com o seu esfôrço, tinha conseguido guindar-se a brilhante categoria de terceiro oficial. Os colegas, tal como o Boavida, também faziam o possível por não fazer nada.

Uma das manias muito em voga nas repartições publicas, é a das apostas. Aposta-se o pretexto de tudo. Por um jôgo de futebol; pelo resultado de uma corrida de bicicletas; se no dia seguinte choverá ou não; se o chefe, nesse dia, vestirá azul ou preto; se seriam aumentados ou não...

E é assim que aquela gente tem sempre as contas mais complicadas: — êste deve cem "pratas" àquele, porque perdeu a aposta do "box", mas, por sua vez, tem cinqüenta a receber, porque ganhou a aposta no jôgo Flamengo x América, não fazendo o **cleaing** de contas só porque o resultado da aposta que fizera, dependia ainda do resultado da melhor de três...

x ✧ x

Boavida, faz tempo, perdeu a cabeça e casou-se.

Talvez não seja preciso explicar aos leitores, tim-tim por tim-tim, como aquilo foi. Basta dizer-lhes que alguns meses depois a conjugal senhora declarou ao Boavida que ia ser mãe...

Boavida deu três pulos de contente, o terceiro dos quais foi ao entrar na repartição, ao bater do meio-dia, para declarar aos colegas madrugadores que ia ter um rebento.

Foi felicitadissimo, como sempre costuma suceder nessas ocasiões.

E a pergunta sacramental não podia faltar:

—Preferes menino ou menina?

A resposta também não falhou:

— Menino!

— E' capaz de ser uma menina! — dizia um dos colegas.

— Isso sim! respondia outro — Boavida tem cara de pai de rapazes!

— Aposto que será uma menina! — dizia o primeiro.

— Aceito. Cinqüenta cruzeiros em como será rapaz! — diz outro, já velhote.

E daí a nada estava tôda a repartição envolvida em tremenda aposta. Metade apostava que era menina; a outra metade que era rapaz. Ao todo 36 apostas — 18 de cada parte.

x ✧ x

Durante duas semanas não se falou noutra coisa. Logo que Boavida chegava, aborreciam-no com perguntas:

— Então, demora muito?

— Achas que será para breve?

— Quando é que se sabe isso?

Chegando mesmo alguns, mais impacientes, a acrescentar:

— Que diabo, ó Boavida, diz a tua mulher que se despache!...

Até que um dia, a telefonista, com a voz afogada em emoção, chamou-o ao telefone e lhe disse:

— Senhor Boavida... Telefonaram agora! Sua mulher teve uma criança...

— Menino ou menina? — berrou Boavida.

Fêz-se um segundo de silêncio, de expectativa, em que se podia ver como os nervos de Boavida tremiam.

— Menino! — Foi a resposta.

Dos que tinham apostado em "menino" partiu um grito, enorme, ululante, qualquer coisa parecida com o que se ouve entre os partidários do Vasco, quando o clube faz um gôl.

— Ganhámos! Ganhámos!

Os outros sentiam-se vergados ao pêso da derrota. E as discussões começavam a acalorar, quando o telefone tocou de novo.

— Senhor Boavida... E' outra vez para o senhor...

Um novo momento de expectativa até que se ouviu Boavida dizer:

— O quê? Outro... Ah! Uma menina!? Ah! Sim,, gêmeos? Um rapaz e uma menina!

— Hurrah! — Gritaram os que tinham apostado por menino.

Fêz-se uma algazarra formidavel.

— Empatámos! Viva o Boavida!

Mas o telefone tocou outra vez. Boavida correu ao aparelho.

— Sim... Sou eu... O que é? Outra?! Outra menina?! Três?! Oh!...

A algazarra foi indescritível. Metade dos colegas começaram a gritar

Ganhamos! Dois a um!

E dançaram e cantaram e pularam para cima da secretária.

Os outros mordiam sua derrota, enquanto Boavida pensava nos três mil cruzeiros com que tinha de sustentar seis bocas (a sogra incluída). De repente, pareceu lembrar-se de qualquer coisa que seria a sua salvação. Mas, nesse instante, a telefonista interrompeu pela quarta vez:

— Senhor Boavida...

Boavida pegou no fone que tremeu... Os outros acercaram-se ansiosos...

Quê? Outra vez? Aguarde! Quatro!

— Empatamos! — gritaram todos.

— Não soltem foguetes! — diz um deles. — Esperem pelo último quarto de hora.

— Empatámos, não ganhámos um nem outros, — festeja um outro muito contente.

Boavida caiu sôbre uma cadeira. De tão naquele desafio em que um quem perdera o uns derrotas [illegible] ele.

—✧—

COISAS DO TEMPO

Quem vê o número absurdo, fenomenal, incrível de lojas de artigos musicais no Rio — principalmente rádios e televisores — de onde saem para o ar vibrátil da urbe as notas cristalinas de sopranos, as argentinas notas de pianos, quando não o roufenho esfalfar de acordeons, por não falar nos chôros e sambas com os esganiçamentos dos seus cantores, constata ao mesmo tempo que não raro, no lugar por elas ora ocupado, abriam suas convidativas portas estabelecimentos destinados à satisfação não do segundo, mas do quarto sentido: restaurantes, cafés, bares *bonbonnières*. As casas que nos dão os prazeres do ouvido usurparam os lugares das que nos forneciam as volúpias mais prosaicas, mas também mais prementes e iniludíveis, do paladar. E o fenômeno continua, regular, fatal: onde se fecha hoje uma casa de petiscqueiras podesse contar que amanhã abrirá uma loja de rádios, vitrolas e televisão a prestações.

O observador concluirá daí o que? Que isto é um povo de melômanos? Pois não acertará de todo. Êsse curioso fenômeno, numa cidade de milhões de bôcas necessitadas antes de tudo de comida, tem sua causa profunda na situação de carência alimentar em que se viu colocado o povo carioca, pela negligência, pela incapacidade dos que lhe dirigem a economia. A população do Rio não tem o que comer. Então êsse povo de formigas transforma-se em cigarras e canta. Atira-se furiosamente à música como diversão, como *anestésico*, como consolação.

A música é sua cocaína...

Zenóbio

—✧—

COSTUMES

O Sr. De Maio Giafferri, falando há pouco das superstições sempre floresc[illegible] em certas partes da Ilha da Beleza, declarou conhecer um de seus compatriotas que se havia intransigentemente recusado a trabalhar quando a semana tinha... sexta feira.

UM BOM PENTEADO
ÓTIMA APRESENTAÇÃO

WELLA

Não esqueça êste preceito! Lembre-se de que os seus cabelos também podem realçar a sua personalidade.
Use, pois, pela manhã, o específico creme

WELLAFORM

e apresente-se sempre impecàvelmente penteado, com os cabelos brilhantes e protegidos.

WELLAFORM – *creme para pentear, à base de Kolestral*

À venda em tôdas as casas do ramo

Os donos da visita

Benedito — O Presidente vai outra vez ao Espírito Santo?

Nereu — Vai, sim. A visita passada foi do PSD; agora a visita vai ser do PTB...

eis o que significa "NUGGET" em seus sapatos

"NUGGET" dá mais brilho... prolonga a vida dos sapatos.

O poder incalculável

SÔBRE a possibilidade técnica de alimentar, durante milhares de anos, as indústrias do mundo inteiro, com pilhas de urânio, já não ha hoje qualquer dúvida. Desde que Fermi, ha doze anos, fêz funcionar em Chicago, durante alguns minutos, o primeiro reator nuclear, os físicos foram bem sucedidos numa operação quase milagrosa. Eis o problema que se lhe deparava ao princípio:

Existe na Natureza uma única matéria que projeta à sua volta quantidade suficiente de partículas atômicas pesadas para incitar reação em cadeia e servir, assim, de "combustível atômico": é o urânio 235. Mas êste não existe senão em quantidades ínfimas. Um quilo de urânio natural contém apenas 7 gramas daquele. Para extrair essas 7 gramas é preciso submeter o urânio natural a tratamento de complexidade extraordinária. As dificuldades são tais que a primeira fábrica de tratamento, construída em Oakridge, num vale deserto do Tennessee, custou, em 1943, um bilhão de dólares e estende-se sôbre 236 quilômetros quadrados. O preço líquido do urânio 235 é de 25 dólares o grama.

Se a indústria atômica estivesse reduzida a "queimar" os únicos recursos naturais em urânio 235, encontrar-nos-íamos, no espaço de alguns séculos, perante o problema do esgotamento das jazidas. E a energia fornecida pelo urânio 235 não se tornaria menos cara que a eletricidade hidráulica.

Os investigadores aplicaram-se então a tornar "combustíveis" nas pilhas, em lugar dos 7 gramas de urânio 235, os 993 gramas de urânio corrente (ou U 238) que contêm um quilo de metal. Dez anos de trabalho foram-lhes precisos para conseguir êste "milagre". Nas pilhas "chocadeiras" tudo se passa como se alguém começasse o Inverno com cinco toneladas de carvão, se aquecesse durante todo o Inverno e se apercebesse, no fim de tudo isso, que o seu monte de carvão tinha dobrado.

Pràticamente, pode êsse resultado ser obtido de duas maneiras. Começa-se por juntar urânio 235 a urânio 238, de preço moderado e sem interesse imediato. O urânio 235, à fôrça de bombardear o urânio 238 de partículas pesadas, transforma-o num novo elemento. E' o famoso plutônio, que numa pilha é "combustível" e fornece o explosivo da bomba de Hiroshima. O rendimento desta operação é todavia muito fraco: o urânio 235 não transforma em plutônio o seu equivalente em pêso. O preço do plutônio é, por isso mesmo, mais elevado ainda do que o do urânio 235: 30 dólares o grama.

A fabricação do plutônio não teria então muito interesse, se tal elemento não possuisse virtudes particulares: é capaz de transformar e tornar "combustíveis" novas quantidades de urânio corrente. Na primeira pilha "chocadeira" dêste tipo, construída nos Estados Unidos, cada quilo de plutônio torna "combustível" 1,6 quilos de urânio ordinário.

do Urânio

Os inglêses, todavia, fizeram ainda melhor neste domínio: Sua primeira pilha "chocadeira", a que deram o nome de "Zephyr", produz duas vêzes mais combustível atômico do que aquilo que consome. E esperam-se resultados mais interessantes ainda com o tório, metal cinco vêzes mais espalhado, muito mais barato do que o urânio e de fácil extração também, pois as areias monazíticas de Travancare-Cochim, na Índia, contêm até 79% de tório.

Êste metal, que para nada serviu até agora senão para a confecção de lâmpadas, não é, contudo, só por si combustível. Mas em presença do urânio 235 toma-se fàcilmente, bem mais fàcilmente do que o urânio ordinário. Se se carregar, por exemplo, uma pilha atômica de cinco quilos de urânio 235 e de cem quilos de tório, obter-se-á, por fim, cem quilos de excelente "combustível atômico", é o urânio 233, cujas virtudes são em todos os pontos iguais aquelas do urânio 235 em si. Mas o urânio 233 pode "chocar" novas quantidades de matéria cindível (fissile). Permitirá, pois, à indústria, prescindir do muito caro urânio 235.

A ESPÉCIE IDEAL

que a filosofia alexandrina nos ensina que essas obras mínimas são antes da alçada do demiurgo, ou simplesmente de algum demônio construtor — se, pois, eu fôsse demiurgo ou demônio, é a êsses insetos que eu tomaria por modêlo do homem. Eu desejaria que, como êles, o homem executasse o princípio, no estado de larva, os trabalhos aborrecidos pelos quais se nutre. Depois teria feito de maneira que, numa última transformação, o homem e a mulher, espalmando asas rutilantes, vivessem de orvalho e de desejo e morressem num beijo. Eu teria, dessa forma, dado à sua existência mortal o amor em recompensa e por coréa. E teria sido melhor assim. Não crieI, porém, o Mundo e o demiurgo que disso se encarregou não seguiu meu conselho. Tenho aliás minhas dúvidas de que êle haja consultado os filósofos e os homens de espírito.

—:x:—

Nada há mais triste do que a vida das mulheres que não têm sabido ser senão belas: porque não há reinado mais curto do que o da beleza.

TRICAS E FUTRICAS

O Brasil vive, de Novembro para cá, sob o signo da punição. O ritmo da vida nacional tem sido marcado, nestes últimos cinco meses, pela severa cadência das punições militares. Primeiro foi o caso Mamede. Para "punir" aquêle oficial, que afinal ficou impune, foram depostos dois Presidentes sucessivamente. A seguir, mal o sr. Juscelino toma posse, sobrevem o caso das punições dos almirantes Amorim do Vale e Benjamim Sodré. Logo depois, chega a vez do almirante Pena Boto. A punição do major Veloso, do capitão Vitor e do Tte. Lamarão foi mais aparatosa: exigiu uma expedição de 6 000 homens das três armas (Exército, Marinha e Aeronáutica), com um reforço de paraquedistas ainda por cima. E agora, por fim, surgiu o caso do Cel. Adil. Punir ou não punir — eis a questão. E em tôrno dêsse grave problema — punir ou não punir — tem vivido o Brasil de cinco meses para esta parte. Só se pensa nisso: punir. *Punir* é o único verbo que o govêrno conjuga. Enquanto isso, os problemas de administração estão aí sem solução. Afinal de contas, é preciso punir logo tôda gente — para que o sr. Juscelino possa afinal assumir o govêrno — e possa, sobretudo, governar, sem pressões nem ameaças, deixando essa mania punitiva, que é primária e contraproducente, para depois que o Brasil tenha recuperado seu equilíbrio político e a sua saúde econômica. Porque a verdade é que governar não é punir — e o sr. Juscelino até agora não tem feito outra coisa senão punir, que é uma forma de provocar e agravar a divisão das Fôrças Armadas.

Juscelino Kubitschek

Chega de insensatez, homem!

x ✧ x

Acusado públicamente, pela "Tribuna da Imprensa", de ter aceito o lugar de advogado da firma cujas atividades ilícitas uma Comissão Parlamentar (da qual êle era o Presidente) estava apurando, o sr. Armando Falcão até agora não se defendeu. Gritou, deblaterou, ameaçou, mas não se defendeu. Porque as fotocópias das procurações, que lhe foram passadas, não puderam ser destruídas... E agora, José!

Armando Falcão

x ✧ x

O juiz Aguiar Dias — o homem dos "Cadillacs" — tem gasto dinheiro a rôdo, na seção paga dos jornais, para defender-se das acusações que lhe fazem gregos e troianos, no caso das importações ilegais de automóveis.

Jango Goulart

Sinal dos tempos — triste sinal! — êsse que representa a onerosa defeza do juiz Aguiar Dias. Pobre país, êste, em que os juizes precisam defender-se, para demonstrar que são honestos! Os juizes, como a mulher de César, não precisam apenas ser honestos: precisam, também, de ostentar uma honestidade que não comporte dúvidas nem suspeitas. A opinião pública é implacável com aqueles que precisam gritar a sua honestidade para que se acredite nela... Mas a culpa de tudo... é do govêrno, que não sabe nem quer coibir o vergonhoso abuso da importação de "Cadillacs".

Osvaldo Aranha

x ✧ x

O general Góis teve uma crise cardíaca, no Tribunal Militar, ao ouvir a defeza oral do almirante Pena Boto. Lembrou-se talvez do Plano Cohen — e desmaiou...

x ✧ x

O Senado, afinal, emendou a mão: deu prazo aos senadores, que acumulam mandatos executivos com o mandato legislativo, para que optem pela função que desejam exercer. Medida curial de moralidade política e lógica constitucional: ou bem o indivíduo pertence ao Poder Legislativo ou ao Executivo. Não era possível fundir as duas funções de modo tão elementar e simplista. Agora, os senadores Lino de Matos, Moisés Lupion, Dinarte Mariz e Artur Bernardes Filho terão que optar. E não será sem tempo.

Dinarte Mariz

Bernardes Filho

x ✧ x

A reforma constitucional do sr. Nereu esbarrou num grande, inesperado obstáculo: a reação do próprio P.S.D.! O sr. Vieira de Melo está liderando a resistência do Partido contra as pretensões do Ministro da Justiça. E o sr. Nereu Ramos, com a sua caranthona constitucional vigente, finge que não entende...

Nereu Ramos

Vieira de Melo

x ✧ x

As negociatas do sr. Lupion haviam sido fulminadas, por contrárias ao interesse da nossa defeza militar, num parecer do Conselho de Segurança Nacional. Os "aeroportos" do sr. Lupion pois, não eram só imorais, eram também perigosos. Mas uma Comissão do Senado (guardem os nomes dêstes senadores: Caiado de Castro, Onofre Gomes, Mainard Gomes, Alencastro Guimarães, Ari Viana, Francisco Galotti e Silvio Curvo) etc., em reunião secreta, desprezando não só a moralidade pública, mas o interesse superior da defeza nacional, não tomou em consideração o parecer do C. D. N., aprovando as negociatas do sr. Lupion. Isso é o Congresso do Brasil! Isso — e o que é pior — é o Brasil do nosso tempo!

Moisés Lupion

Alencastro Guimarães

x ✧ x

O sr. Negrão de Lima, ao assumir o cargo de Prefeito, além da falta dagua, da falta de transportes e da falta de tudo, encontrou êste problema dramatico: a majoração das tarifas dos bondes, dos telefones, dos ônibus e dos lotações! Apenas... O suficiente para dar cabo do prestígio popular de qualquer Prefeito.

—✧—

DITADURA VOCAL

Uma cadeia radiofônica realizou inquérito para saber quais os programas mais apreciados.

— Que vai ouvir neste momento?

Os encarregados do inquérito interrogaram pelo telefone dez mil ouvintes escolhidos no catálogo telefônico.

— *Que vai ouvir neste momento?*

Oitenta e três por cento responderam:

— *Minha mulher.*

O esmêro no pentear-se define o cavalheiro que usa a *insubstituível*

ÁGUA DE QUINA PINAUD

ÁGUA DE QUINA PINAUD

- a sua máxima proteção contra a

ANEMIA DOS CABELOS

Cuidado! Se você está perdendo cabelos, use sem demora a revigorante Água de Quina Pinaud! De grande efeito tônico, a Água de Quina Pinaud protege as raízes dos cabelos, evitando a caspa e a seborréia... tornando os cabelos mais fortes, macios e brilhantes. E com seu discreto e tão agradável perfume, a Água de Quina Pinaud é ótima também para facilitar o penteado feminino!

Todo barbeiro conceituado aconselha o uso da renomada Água de Quina Pinaud!

Escolha o tipo mais adequado para você:

Água de Quina Pinaud - **sem óleo.** Com as exclusivas virtudes "Extrato de quina, substitui com vantagem qualquer loção não-oleosa!

PINAUD *Paris* Perfumistas desde 1810

Necrológio na URSS

— O sujeito, quando morre, passa a ser uma jóia.
— Isso é no degenerado mundo ocidental; na União Soviética mete-se lhe o pau!

AS OBRAS CÉLEBRES TÊM MUITOS AUTORES

O caso da autoria da célebre ópera-cômica "Luiza" acaba de ser esclarecido pela imprensa francesa. Atribuiu-se sempre a música e o libreto a Gustave Charpentier. Sem dúvida porque isso correspondia à verdade. Pretendeu-se, entretanto, contestar ao defunto compositor a paternidade do libreto.

O certo, porém, é que quando alguma ópera obtém grande sucesso, não lhe faltam pais adotivos! Um, porque lhe colocou uma vírgula ao ler o texto; outro, porque provou, com testemunhos, que pôs um acento circunflexo esquecido ou corrigiu um êrro de ortografia.

Durante muito tempo, o poeta Saint-Pol-Roux permitiu gostosamente que se acreditasse ser êle o autor do libreto de "Luiza". O eminente crítico musical Georges Ploch escreveu que em 1925, ao transferir se para Camaret, Saint-Pol-Roux lhe dissera que, havia dez anos, renunciara definitivamente a seus direitos autorais sôbre "Luiza" mediante remuneração compensadora. Acrescentou que isso lhe permitira construir sua mansão — **Cœcillian** — em Camaret. Além disso, a Sra. Annie Joly-Ségalen, filha do poeta Victor Ségalen, amigo de Saint-Pol-Roux, não hesitou ao declarar: "Provou-se por mil testemunhos que o libreto de "Luiza" é, sem a menor sombra de dúvida, de Saint-Pol-Roux." Mas êsses "mil testemunhos" nunca foram produzidos de modo irrefutável.

O dramaturgo Saint-Georges de Bouhélier deu uma explicação que parece pôr ponto final no caso. Certo dia, Gustave Charpentier levou-lhe o manuscrito do libreto que terminara, pedindo-lhe que passasse os olhos, como profissional. Após a leitura, Saint-Georges de Bouhélier declarou que não havia necessidade da menor modificação. Não se convencendo, Charpentier levou o manuscrito a seu amigo Saint-Pol-Roux, que fêz algumas correções de ordem técnica. Como agradecimento e também porque sabia estar o poeta necessitado, Charpentier lhe deu trezentos francos.

Enfim, na época em que se realizaram os entendimentos entre o compositor e Albert Carré, diretor da Ópera-Cômica, Saint Pol-Roux não apareceu em nenhum momento. Presenciou apenas alguns ensaios. Que libretista, convicto de seu trabalho e de seus direitos, faria semelhante abstenção?

Convém esclarecer que exemplos como êste são muito freqüentes nas letras e na imprensa. Contudo, o revisor que evita um barbarismo ou corrige um solecismo nos manuscritos de qualquer autor não está autos de qualquer autor, não está aulaborador.

x ✧ x

DESCULPA

— Mostre-me sua carteira de chofer! — intimou o guarda do tráfego ao motorista amador que corria em excesso de velocidade.

— Não tenho carteira.

— Guia carro sem carteira? Tem, pelo menos, apólice de seguro?

— Não. Nada de seguro! Afirmou o motorista, sucudindo desdenhosamente a cabeça.

Sua mulher, então, interferiu:

— Não ligue ao que êle diz, seu guarda. Meu marido mente muito quando está bêbedo

GRIPES? TOSSES? BRONQUITES? ASMA? COQUELUCHE?
XAROPE PEITORAL PAULISTA
De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto do Lab. Farmacêutico das
INDÚSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av. Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540

De pijama, na cama,
Dorme papai

Às 7 levanta,
Assobia e canta,
Se lava e veste.

E para o emprêgo lá vai
Lamenta um pouquinho
Não poder ir de pijama
Como estava na cama

Porque de pijama,
Feliz e contente
Se sente papai

Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

Jornalista português

DA MISÉRIA DOS RICOS

ESTÃO os bens dêste mundo distribuidos por ordem tão arbitraria, que uns poucos têm de mais o que bastava a muitos. Esta disparidade já dura desde os tempos biblicos, e, para lhe atenuar os efeitos, tão longa como inutil tem sido a série de experiências. A cada tentativa o correspondente fracasso trouxe novas dilatações ao problema — cada vez mais insolúvel dada a compreensão que uns e outros têm da parte que lhes cabe no usufruto da terra. Deveres e direitos são entendidos por diferentes prismas, que implicam permanente confusão no critério distributivo dos bens terrenos, pelas quais o homem vive. O precioso tesouro do Espirito, constituido por essa enorme riqueza de bens intelectuais, quis o Destino, com a sua providência e a sua ironia, que fôsse repartido em muito maior quinhão por aqueles que menos têm de bens materiais. Existem pobres da tribo de Jó que nem sabem os montões de ouro que guardam na alma, e nababos da estirpe de Cresus mais miseráveis que o vagabundo sem teto e sem pão. Geralmente a Fortuna reparte-se pelos homens menos privilegiados em inteligência e sensibilidade — por aqueles que não podem ver os deslumbramentos das coisas superiores, de tão apegados que andam à pequenês da vida opulenta mas vegetativa, o olhar banal, sem sêde de largas miragens nem ansiedade de horizontes vastos. As riquezas que se acumulam costumam entorpecer não só a alma como o entendimento de quem entesoura o pecúlio da Sorte com a avareza de Shylock. Com raríssimas exceções, julgam êsses excessivamente ricos, contra os quais se insurge S. Crisóstomo nas virulentas diatribes de ataque aos **pleonectas,** que a Felicidade mora no recheio das suas arcas e que a Vida nada mais é que a onipotência do dinheiro.

A riqueza, que parece ter o condão de tudo poder dar, oferece aos ricos uma falsa imagem da Vida, sem o conteúdo de experiências a que se sujeita a existência dos que amam, apesar de seus sofrimentos e através do seu heroismo, a vida como ela é. Mas onde os ricos são mais pobres do que o caminheiro faminto e sem rumo, é no desconhecimento das coisas maravilhosas que a pobreza tem ao seu alcance. Há riquezas inúteis que encerram os homens numa existência confortável mas mineral, como se estivessem metidos num cárcere de ouro. As fabulosas riquezas de Stelius, êsse comerciante de Roma que reunia todos os dias à mesa trezentas pessoas, não impediram que êle morresse de aborrecimento. O seu jardim de esplendores é afinal um **hortus siccus** lúgubre de tédio, com flôres postiças, aromas ilusórios, primaveras artificiais...

Que pobres são estes ricos que nunca demoraram o espirito na contemplação do que é belo! Bem aventurados sejam os pobres para quem Deus encheu o céu de orquestras, de côr nos corpúsculos de violeta, ambar e madrepérola, e pôs nas alvoradas radiosas, rimas sortilegas de luz. Que foi, sem dúvida, para nós, os pobres, que o Maior dos Artistas e o Maior dos Poetas imaginou êstes prodígios — dando-nos uma riqueza que os ricos desconhecem.

—◇—

HUMOR NEGRO

Entrevistado pelo correspondente de um jornal de Detroit, o ministro de Estado Hauphouet Boigny, nativo da Costa do Marfim, respondeu sem sorrir à pergunta:

— Que é um canibal?

— E' um cidadão que entra num restaurante, por volta do meio dia, e pede um *maitre d'hôtel* assado.

Homenagem

Em desagravo a penalidades impostas ao almirante Pena Boto, que como tôda a Nação sabe é oficial superior da nossa Marinha de Guerra, ilustre, digno e patriota como os que mais o forem em qualquer das esquadras de todo o mundo, seus colegas de profissão ofereceram lhe magnífico almôço no dia 7 do corrente, no Clube Naval, ágape que valeu por cabal reprovação às violências que sofreu, partidas de govêrno sabidamente ilegal, fruto de eleições abandalhadas e golpes de estado para efeito de posse, contra a vontade da grande maioria do povo brasileiro.

Ao homenageado, os cumprimentos desta revista.

O homenageado, almirante Pena Boto, e o ex-ministro, almirante Amorim do Vale.

Aspeto do grande almôço.

O ex-ministro Amorim do Vale cumprimenta o homenageado.

O almirante Pena Boto agradece, ao microfone, a manifestação que lhe foi prestada pelos colegas de farda.

A Virgem índia

Texto e Fotos de RAUL FLORIANO

COPACABANA: A Fôrca do Inca, velha reminiscência do grande império (Foto gentilmente cedida).

UM pequeno povoado, de casas dispersas e árvores frondosas, cercado de colinas verdejantes e montes graníticos, aberto às águas mansas de uma baía do lago Titicaca, eis Copacabana, que vejo do alto da estrada que vem de Tiquina.

Casas de adôbo e casas de pedra, quase tôdas cobertas com telhados em meia água, se enfrentam nas ruas estreitas que levam da praça principal às águas do lago quase sempre azul.

Até as montanhas se suavisam, ao avançar para a praia e, ao invés de imergirem em escarpadas abruptas, abaixam-se em colinas de ligeiros declives, a pouco e pouco, e mergulham, suavemente, suas fraldas nas águas frias. Permitem margens transitáveis, encantadoras, que a mão do homem vem embelezando com árvores e um ou outro jardim das construções lindeiras.

O negror pétreo, de montanhas mais distantes, contrasta com as diferentes tonalidades do verde das colinas mais próximas, tapizadas de relvas rasteiras, onde os índios realizam seus bailes nos dias de festas religiosas e no carnaval.

Bem junto à praia um pico pedregoso, de acesso difícil, ostenta a cena do Calvário; outro, a pequena distância, guarda as ruínas da Fôrca do Inca.

Ligada ao altiplano boliviano que margeia o lago, e a diversas cidades do Perú pela via natural das águas, não podia deixar de ser esta a ponte de embarque, onde pequenos barcos à vela e algumas grandes canôas dos índios aimarás — balouçam suavemente nas águas azuis do Lago Sagrado.

De um lado da praia, fechando a pequena baía, montanhas verdejantes formam o painel e se incumbem de dar maior resplandecência ao pôr do sol, cena realmente única.

Por mais estranho que pareça, foi nas margens do lago, incluindo aqui em Copacabana, que floresceram as mais antigas civilizações pré-colombianas de tôda a Bolívia: a incáica, a tihauanacota e outras. Foi nas ilhas do Sol e da Lua, situadas em meio à amplidão das águas, que os imperadores incáicos edificaram o Grande Templo ao Sol e à Lua, deuses que adoravam e adoram ainda agora amantes mais arredios à civilização. Existem vestígios e ruínas dêsses templos, dos quais, mirando-se o lago, contempla-se o espetáculo grandioso do reflexo, no fundo das águas azuis, das neves eternas dos montes Illimâni e Illampu, que se erguem a muitos quilômetros de distância.

De qualquer lado que se contemple Copacabana, divisa-se sempre, com seu pico [illegible] montes, o santuário de N. S. de Copacabana, a cuja devoção se prenderam os incas, logo após a conquista espiritual. Situa-se na única praça do povoado, sombreada por árvores frondosas, onde se ergue ainda um cúbico quadrangular, com inscrições antigas, velha reminiscência da civilização tihauanacota.

O altar da "Virgem India" ou "Virgem Morena", colocado numa capela, detrás da nave, é obra santuária de pedra maciça, edificada pela fé e pela gratidão dos católicos de tôdas as partes, que aí acorrem para cumprir promessas, carregados de exvotos.

Aos seus pés, diàriamente, os índios se postam de joelhos, implorando, com ardente fé, a bondade da Santa.

Fora, à entrada do templo, dois monumentos chamam a atenção do turista. Um, gigantesco, sob a forma de uma pirâmide aberta, coberta por duas cruzes menores, lideando outra, central, de grande porte. Reza a lenda, uma lenda, aliás, nascida e residente há [illegible] de nítida ascendência espanhola, que essas cruzes foram trazidas do Perú pelo Conde de Lemos, vice-rei daquele país, no começo da construção da basílica. O outro monumento, fronteiro a êste, é um modesto túmulo, erguido à memória do nobre inca D. Francisco Tito Yupanqui, da tribo dos aranguas, que foi o escultor da imagem da Virgem e presenciara seus primeiros milagres.

Reza a história de Nossa Senhora de Copacabana que, lá por mil quinhentos e tantos, o pároco do povoado, padre Almeida, reuniu, na pequenina capela existente, os chefes índios, caciques, se

COPACABANA: O altar e a imagem da Virgem Morena de N. S. de Copacabana, a cujos pés oram crentes de todo o Mundo.

de Copacabana

COPACABANA: Monumento Tiburcinos, na praça do Santuário.

lhos se choram e abraçam, mas todos das tribos urunsaias e aransaias, e os exortou a contribuirem, com esmolas, para mandar buscar, de Potosi ou de Lima, uma imagem de Nossa Senhora, para o seu culto. Que, se possível fosse, fossem, então, a encomendá-la a um escultor de Espanha, pois era necessário que a peça fosse [illegible] Virgem Santíssima, como aquelas que se veneram em La Paz, em Chuquisaca, Lima ou [illegible], mesmo que para isso tivessem de [illegible], mesmo que tivessem de fazer jornadas a cavalo durante meses.

Esse apêlo não encontrou eco nos dois grupos índios, hostis e em permanentes lutas um contra o outro. Apenas o nobre Inca D. Francisco Tito Yupanqui deram consentimento por esse apêlo e se pôs a lastimar não ser escultor, para talhar a imagem da Virgem; ou pintor, para fazer-lhe o retrato. Ele, o moço, abelhudo e impetuoso, vagando pelas ruas de Potosi, ou estático, em seu quarto, pensava era como realizar sua idéia.

Mas, e se depois de a fazer, fosse ela repelida pelos demais, como obra feita em profana de um moço pecador? Esses pensamentos faziam-no sofrer.

Após tentativas, inúmeras vezes malogradas, entremeadas com terríveis dúvidas sôbre a aceitação, ou não, pelos chefes do grupo, D. Francisco Tito Yupanqui resolveu pedir uma inspiração na capela da Virgem que os índios haviam pintado [illegible] uma estampa de N. S. da Candelária, segundo [illegible] Mas, ainda cedo, [illegible] o padre Montoro [illegible] Virgem feia, [illegible] D. [illegible] notou, por mesmo, o brilho da estampa viva que a santa fizera, restituindo a vez a seu esplendor. Ajoelhou e fendeu uma hora noturna, pelos urunsaias. A imagem foi retirada do altar.

Vencido pela dôr, mas não desanimado, Francisco Tito Yupanqui retirou-se para a Vila de Potosi, em busca de mestres que lhe ensinassem as artes da talha e da pintura. Aí, após percorrer várias igrejas, extasiou-se ante a imagem de Nossa Senhora, da

Outra fotografia do altar de prata maciça.

igreja de São Domingos, imagem que possìvelmente seria seu modêlo, mas não seria loura, e, sim, morena. Após estudos com mestre Diego de Ortiz, entregou-se à obra, de corpo e alma. Esculpiu e pintou uma imagem que, se não foi julgada perfeita, agradou geralmente. E pôs-se a caminho, de volta para Copacabana, com os amigos que o acompanharam.

Passou por Tarcaia e La Paz. Os solavancos da viagem, por estreitos caminhos, lascaram e feriram a imagem em diversos lugares. Mas em La Paz, mestre Vargas, grande artista, a retocou e corrigiu, com os aplausos do guardião da Ordem Franciscana, padre Navarrete, que, de joelhos, proclamou a mais bela das imagens de Nossa Senhora.

Novamente a caminho de Copacabana, o coração de Yupanqui se abria, pois já lhe chegara a notícia de que padre Montoro estava ansioso por entronizá-la, e contava com o valioso apôio do alcaide Don Geronimo Marañon, contra a campanha de descrédito dos urunsaias.

Um contratempo advém em Tiquina: ameaça de desacato à Virgem, que até então recebêra as homenagens de todos os povos ribeirinhos da estrada, desde La Paz. D. Francisco já pensava em cedê-la aos índios achacachis, aos cajamarcas ou aos habitantes de Guaki, que todos a queriam. Protestou padre Montoro e intervelo o corregedor D. Gerônimo Marañon, que ordenou a imediata remoção da imagem para Copacabana, pelos adversos urunsaias. Dez índios o fizeram, perfazendo quarenta quilômetros em poucas horas, como por milagre.

Ao som de cânticos, músicas e lágrimas, a Virgem Morena de Francisco Tito Yupanqui entrou no santuário de Copacabana, na manhã de 2 de Fevereiro de 1583, ôntem pobre, hoje enriquecido pelas numerosas esmolas dos fiéis agradecidos.

Essa história da Virgem India que me contaram as crônicas bolivianas. Hoje, com o correr dos séculos, é ela chamada a *Virgem da América*, dadivosa em milagres e em graças.

À sua vista, de joelhos, ante seu altar, frei Antonio de la Calancha, sentiu-a como tôda gente o faz, com suas mil expressões:

"*Está unas veces pulida con mil gracias, otras encendidissima con donaires; tal vez como escua de fuego, y tal vez como pella de nieve, tal vez parece que llora, y tal vez que se ria, siempre parece un cielo, y todo [illegible]*...

Vida Turfista

Uma pôse especial para "Careta"

E' na pelouse que se encontra o melhor da reunião turfista.

Uma das que ... o programa.

Dá gôsto comparecer ao Hipodromo da Gávea em dia de Grande Prêmio. À beleza panorâmica, de um dos mais belos prados de corrida do mundo, junta-se a graça e o chique da mulher brasileira. Foi isso que mais uma vez se viu no domingo próximo passado, quando da disputa do *Grande Prêmio Outono*, do qual saiu vencedor o cavalo "Timão", pilotado pelo jóquei J. Marchant, de propriedade da Sra. Zélia Peixoto de Castro. Em segundo lugar chegou "L'Inconnu" e em terceiro "Hotspur". Timão era o grande favorito da carreira, tendo rateado apenas quatorze cruzeiros por dez.

Mas o verdadeiro encanto das corridas de cavalo não está nas pistas do prado; encontra-se nas arquibancadas e na *pelouse*. Quanta moça bonita! Quanta dama chique! É uma festa para os olhos, e um prazer para o coração, ver tantas mulheres jovens, belas e elegantes! Tem-se até impressão de estar-se em Logchamps ou em Auteille.

O Grande Prêmio Outono é a primeira prova da triplice-coroa do turfe carioca. Timão, criação do sr. A. J. Peixoto de Castro, ganhou-o em grande estilo, demonstrando apreciáveis qualidades. Na distância do páreo, 1.600 metros, marcou o magnifico tempo de 1'35"3/5, ou seja o recorde já assinalado nessa prova. L'Inconnu, muito mal corrido por A. G. Silva, causou igualmente uma impressão, principalmente pela grande velocidade que é capaz de desenvolver. Este parelheiro, se possuir resistência para tiros mais longos, será um dos craques de sua turma.

Aspecto ... de Hipodromo.

O verdadeiro interes... ...cavalo não está na pista...

J. Marchant, o piloto de Timão.

Um grupo de "tiphos" bonitos de verdade!

Timão, o vencedor

Um grupo muito lindo.

Quanta moça bonita e chique!

Uma arquibancada florida.

Tacey Cromwell (Anne Baxter) e Clint Saunders (Rock Hudson)

Seu único desejo

ELENCO

Clint Saunders	Rock Hudson
[illegible]	Ann Baxter
[illegible]	Lilo Adams
[illegible]	[illegible]

SINOPSE

Do Suplemento de Cinema Ilustrado

A HISTÓRIA desta película é baseada na novela One Desire de Conrad Richter. Segundo ela, existe na cidade de Oil Hill no Estado de Oklahoma por volta de 1910 um cassino de nome White Palace Palace Branco no qual um dia aparece um rapazinho de recém 18 anos de idade, órfão de pai e mãe e de nome Nugget Saunders, que ali fôra para ter em busca de um irmão, de nome Clint.

Os donos do cassino ao saberem sua identidade acolhem-no com tôda simpatia.

Clint Saunders é um profissional da roleta, que trabalha no White Palace. Clint está flertando com Tacey Cromwell, a proprietária do cassino, que é uma pessoa altamente simpática

consegue convencê-lo a desposá-la. Tacey, na esperança de conquistar Clint, resolve tomar a si o encargo de criar Nugget.

Tendo sido dispensado do cassino, parte Clint para Randsberg, no Colorado, onde Tacey, que o havia seguido, ulupa pequena casa na qual habita em companhia de Nugget. Clint hospeda-se num hotel, esperando empregar-se no cassino da localidade. Para cumprir a promessa feita a Nugget, e também para criar nome de pessoa honesta, Tacey adota uma criança, de nome Seely, o que causa ótima impressão na vizinhança.

No entretanto, ao visitar o banco local, Clint trava conhecimento com Judith Watrous, a filha do presidente do banco, que fica impressionada, tanto com a simpatia que ele irradia, como com a habilidade com que manuseia o dinheiro e se entende com os clientes.

Tacey começa a vislumbrar, depois dessa, esperanças de ver realizado seu desejo de formar um lar honrado e digno, pretendendo Clint acabará por desposá-la. Mas Judith também ficara interessada pelo rapaz e ao visitar Clint para [illegible] com o pai dela, consegue um dia [illegible] da vida pregressa de Clint.

Judith, com o apoio das matronas do lugar, obtém na Justiça sentença contra Tacey que é considerada indigna de velar pelas crianças. Judith, hipocritamente, oferece-se para tomar conta delas.

Privada da companhia dos dois pequenos que queria considerar como filhos, Tacey retorna a Oil Hill. Clint vai procurá-la, pedindo-lhe que regresse a Randsberg. Ela, no entanto, a princípio, recusa-se obstinadamente.

Um dia, mais tarde, Clint e [illegible] se. Quando [illegible] banco lhe vem [illegible]

[illegible]

Seely foge para a companhia de Tacey [illegible] traz de volta a casa de Judith. Esta humilhada pelo que Tacey abre um cassino em frente a casa de Judith. Clint verifica que ama a Judith, emaranhada promove briga. Clint abandona o lar e Judith, enfurecida, atira uma lâmpada ao chão, incendiando a casa e morrendo queimada. O fogo também destrói o cassino de Tacey. Com os salvados do incêndio, Tacey, Clint, Nugget e Seely começam juntos nova vida.

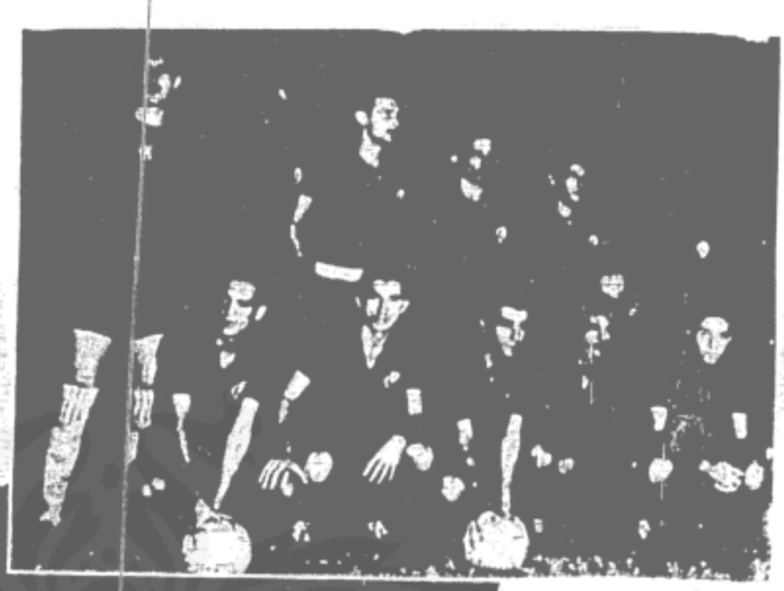
As crianças do Palácio Branco tratam a atrás Nugget Saunders com tudo carinho.

Tendo [illegible] sentença judicial contra Tacey, Judith, a quem Clint [illegible] oferece para tomar conta das crianças.

Embora rico e considerado, Clint não é feliz na companhia de Judith.

O FUTEBOL

SOMOS daqueels que consideram o futebol como um mal necessário, indispensável a saúde física e mental da nossa gente. Já certa vez, pela pena brilhante de um colaborador, publicámos que o futebol é, para o brasileiro, infeliz e sofredor, um derivativo. Não fôra o futebol, o carnaval, a macumba, o jôgo do bicho, o rádio, o samba e a gafieira, êste país seria inhabitável. Viveríamos em permanente guerra civil, tal é o sofrimento em que vive o povo.

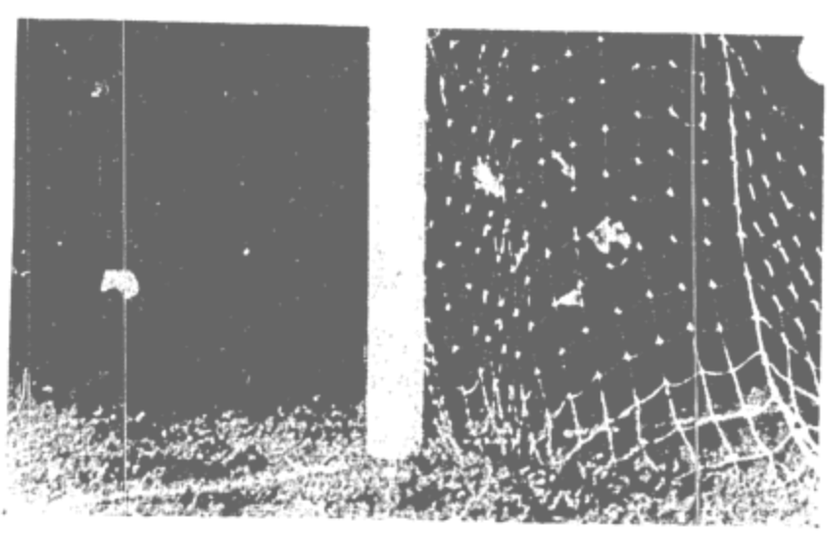


Os campeões de 1955

Alarcon, poucos instantes antes de ser vitimado, abre o placard da partida

O segundo tento do Flamengo

O terceiro ponto feito pelo ruivo negro



Não admira, portanto, que um pêso como êsse do qual publicamos os flagrantes que ilustram esta página, tenha atraido ao estádio mais de uma centena de milhar de pessoas, com receita superior a dois milhões e quinhentos mil cruzeiros.

Infelizmente, porém, o interesse demonstrado por nossa gente pelo esporte britânico é avassalador. O futebol tomou de tal modo conta do nosso povo, que a êste não sobra tempo para nada mais, nem mesmo as coisas mais graves e mais sérias.

Um jôgo de futebol é capaz de atrair ao Maracanã mais de cem mil pessoas, como sucedeu no último prélio ali travado. Quantas dezenas — dezenas, notem bem — seria capaz de atrair uma reunião de peritos, que se propuzesse a estudar o caso brasileiro, para salvar o país da imensa desgraça que se avizinha? Muito poucas.

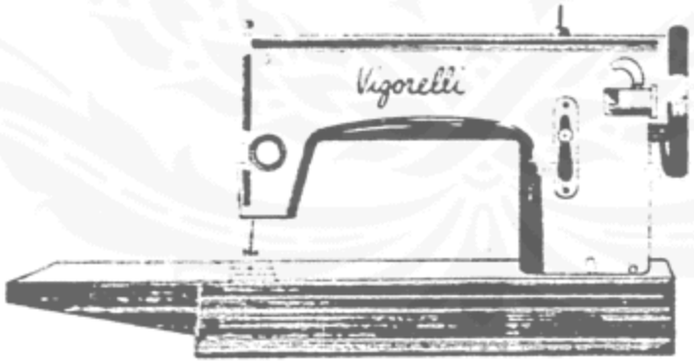
Mas o que tem de ser tem de ser, e como a voz do povo é a voz de Deus, o futebol vai dominando tudo nesta terra.

As máquinas de costura

VIGORELLI

também
prestigiam
a programação
da
Rádio Mayrink Veiga
ondas médias
e curtas
e da
Rádio Mundial
emissoras
da

Organização Victor Costa



VIGORELLI — macia, resistente, luxuosa.
15 anos de garantia — mas dura uma eternidade!

EXEMPLO

O chefe de famosa editora folheava, com ar desdenhoso, o grosso manuscrito que acabava de lhe ser entregue por jovem autor. De repente êle se detém sôbre uma [illegible] e começa a ler em voz alta, em tom irônico:

O vazio doloroso que causa sempre a perda de um ente querido! [illegible] meu amigo, falemos [illegible] Como é possível conceber que uma [illegible] ao mesmo tempo va [illegible]

[illegible] de frente e gentilmente perguntou-lhe:

Nunca sentiu dôr de cabeça?

✧

INUTILIDADE

Um explorador europeu, em visita aos povos selvagens — ainda um tantinho antropófagos — conversa com o chefe da tribo. Sua conversação os leva a falar da "última grande guerra" e das numerosas vitimas que foram feitas durante a mesma. Em dado momento, o chefe negro disse ao explorador:

— Que festins devem ter feito vocês com os milhões de pessoas que mataram!...

O "civilizado" respondeu:

— Nós não comemos nossos semelhantes!...

O outro, com os olhos arregalados, retorquiu:

— Então, para que os matam?

x ✧ x

TROVAS

Definir as solteironas
Tem tentado muita gente:
Aqui vai mais êste ensaio:
"Uma média sem pão quente".

Ivete Vargas

DEFINIÇÃO

Um senegalês vai a Paris, assiste a uma sessão do Parlamento francês e, de volta à terra natal, confia as suas impressões aos amigos, nestes têrmos:

— O Parlamento francês é uma coisa curiosíssima! É, mais ou menos, assim: Um deputado levanta-se para falar. E fala durante um quarto de hora, meia hora, uma hora, duas horas, sem dizer nada... Entretanto, os outros não lhe ligam nenhuma importância, nem ouvem nada e, quando êle acaba de falar, verifica-se que nenhum dêles está de acôrdo com o que êle disse...

x ✧ x

PENSAMENTOS PRÓS... FUNDOS

No estado atual do mundo é preciso ter muito uma coisa: dinheiro; e não ter nada outra coisa: vergonha...

Moysés Lupion

Os Paralíticos

— Estou alarmada com possivel surto de paralisia!

— Não se preocupe, minha senhora. Isso só ataca gente do govêrno...

A consciência do patife é como o sapato depois de muito uso: já não faz mais calo...

Armando Falcão

* ◇ *

Há individuos tão cinicos que dão a impressão de já terem nascido com um sapato velho na consciência...

Mendes de Morais

* ◇ *

A água e o álcool só se parecem porque ambos se engarrafam. Porque, enquanto nos afogamos na água, o álcool afoga as nossas penas. E' verdade que a "pena dágua" é das penas mais duras que se conhecem...

Carlos Jr.

* ◇ *

A vida é um palco de onde é preciso sair sempre com dignidade — disse um filosofo qualquer. O homem que se suicida não faz mais do que sair antes de baixar o pano... Pelo menos, êsse está livre dos apupos ou dos aplausos da platéia...

João de Café Fº.

* ◇ *

Na vida, como no teatro, os melhores lugares nem sempre tocam aos que melhor sabem compreender a peça.

João Belchior

* ◇ *

O beijo é a mais tolerável das formas de cuspir nos outros...

Otavio Mangabeira

* ◇ *

Os homens poderão conceder todos os direitos às mulheres, menos um, o de serem feias...

Apolônio Sales...

* ◇ *

No amor a vitória implica sempre numa rendição.

Negrão de Lima

• ◇ •

E as mulheres, como as gravatas, trazem frequentemente "enforcado" o homem em cujo pescoço se enrolam...

Osvaldo Aranha

As economias do Ministro

Negrão — Vou entrar em período de grandes economias!
Aliomin — Eu tambem estou fazendo as minhas economias. Já arranjei uma casa do govêrno para morar de graça

Lições de Economia

O ULTIMO Verão intenso que tivemos foi, como se sabe, o de 1915. A temperatura subiu a 37° e a 38°, e, como a insolação era novidade no Rio de Janeiro, as ambulâncias da Assistência andavam acima e abaixo, socorrendo vítimas do calor. Os limões, receitados para os refrescos, chegaram a cinco tostões cada um! As sorveteiras trabalhavam dia e noite e as praias enchiam-se de gente, de uma multidão suarenta e afanosa, que se comprimia como sardinhas em lata.

Foi por êsse tempo que o Samuel Benzalah, comerciante em grosso à rua José Mauricio, resolveu, acossado pelo calor, adquirir, por mil e duzentos reis, em um armarinho da rua Larga, um pequeno leque de papel. Testemunha dessa violencia do vizinho, o Isaac Rotemberg, que tinha ao lado um modesto armazém de casemiras, resolveu fazer o mesmo. E comprou outro leque do mesmo preço e da mesma qualidade, e que diferia, apenas, daquele, pelo desenho e pela côr: o de Samuel era azul, com dois galos brigando, e o do Isaac vermelho, com uma cabeça de cavalo.

Dois lustros são passados sôbre aquêle Verão intolerável. Outros Verões vieram, mais benignos, mais generosos, mais suportáveis. Até que êste ano se repetiu o fenômeno climatérico de 1915, com dias de 39°, à sombra, e noites de 38°, no escuro.

Os efeitos dessa temperatura têm sido incontaveis. Um dos mais sensacionais para a colônia israelita do Rio de Janeiro foi, porem, o aparecimento de Isaac Rotemberg e Samuel Benzalah à porta dos respectivos estabelecimentos, cada um com o seu leque.

E êsses leques, que eram os mesmos de 1915 um com os dois galos, outro com a cabeça de cavalo estavam, e estão, em perfeito estado, como se fôssem comprados na vêspera.

Ao ver Samuel com o leque fechado na mão, Isaac Rotemberg saiu da sua porta e encaminhou-se para a do vizinho.

Scholem Aleichem!

Aleichem Scholem!

Trocada essa primeira saudação religiosa, a que

✧

As Bem-vindas

CONTA SE que um condenado à guilhotina assim se manifestava ao sacerdote que lhe assistia aos ultimos momentos:

— O que lamento é que a Justiça não me deixe seguir o conselho do meu velho pai.

— E que conselho era êsse, filho?

— Quando morreu, disse êle, Filho, seja qual fôr o futuro, o da sua vida, conserva a serenidade e **não percas a cabeça!**

✧

E a sua vez o Aguinaldo entra em cena. Tendo sabido que São Tiago lhe havia oferecido mil contos em papel, e que ainda fôra mais atencioso:

Queres em papel ou em ouro?

— Em ouro, meu santo.

— Espera o que vou fazer.

Nisso Aguinaldo acorda

se haviam habituado. Isaac tomou-lhe o leque, abriu-o, e, vendo que era o mesmo, e em tão bom estado, indagou:

— Samuel, êste leque é aquele mesmo de 1913?

— É o mesmo, Isaac. [illegible] o teu, tudo é o mesmo?

— É o mesmo, Samuel. E que fazes com o teu para se conservar tanto tempo?

— Eu te digo, Isaac. É simples: como o vento pode gastar o papel e as côres, eu abano-me assim, bem de leve... de leve... de leve...

E pôs-se a abanar-se pausadamente, lentamente, vagarosamente, lentamente, vagarosamente...

— E tu, Isaac? O teu também está como novo.

— Eu ainda sou mais prudente do que tu, Samuel.

— Que é que tu fazes, Isaac?

— Eu? Eu faço isto, Samuel: pego assim o meu leque, abro-o com cuidado, ponho-o bem aberto diante de mim, já direito de encontro a meu rosto, e sento-me; feito isso, começo então a abanar o rosto para a direita... para a esquerda... para a direita...

E com o leque fixo, em posição, e o rosto em movimento:

— Assim... assim... assim...

HUMBERTO DE CAMPOS

◇

— Que pena! [illegible] muito!

◇

Esta lembra, pela ingenuidade de [illegible] a do menino que indagava do pai:

— Papai, o professor disse hoje que [illegible] mundo para ajudar uns aos outros. É verdade?

— É, meu filho.

— Ora, essa! exclama o garoto. E [illegible] para que é que estão no mundo?

◇

Verdade entra em certo açougue e pede **cleptômano**, eufemismo que se emprega para designar muito [illegible] tuns com pertinência. [illegible] a mesma [illegible] a surripiar coisas numa [illegible] e [illegible] paletó:

— Perdão, diz o freguês, [illegible] mas por êsse preço não lhe podemos vender [illegible]

— Lamento, diz o comerciante, [illegible] mas não posso oferecer mais!

◇

E para terminar esta [illegible] de hoje, [illegible] sempre ocorrida num açougue.

[illegible] entra, espera ser atendido, espera ainda [illegible]

[illegible] para [illegible] pergunta [illegible] pesca, [illegible] mesmo a mão, [illegible] a carne e pesa o pêso [illegible] Mas [illegible] com a bolsa aberta, como esperando mais alguma coisa:

— Freguês!

— Freguês, não, **seu** Manoel. Falta a mão. Desde que ela foi pesada com a carne, faz parte do pêso e quem leva é o freguês!

—◇—

Aqueles que nos amamos e perdemos não estão mais onde estavam, mas estão sempre onde nos estamos. — *Dumas Filho*

—◇—

Com ÓLEO DE LIMA penteado Êle vive sempre encostado...

Faça como o rapaz que sabe viver... use tambem ÓLEO DE LIMA, que é produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.

ÓLEO DE LIMA

O Campeão

Clóvis Salgado — Você tomou a casa dos professôres bolsistas para morar ?!

Alkimin — E você não fêz o mesmo ?

Clóvis Salgado — Bem, eu puz na rua um professor e você, pequenino assim, pôs quarenta !!!

TRINTA

OS jornais estão verberando um dos graves erros cometidos pelos administradores locais. Trata-se de famoso edifício de trinta andares. O ministro que autorizou a construção esgotou todos os recursos. Tentou por isso vende-lo por um quarto do seu valor: quarenta milhões. Nenhum comprador se apresentou. Não resta mais ao ministro senão um único pretendente: o Conselho Municipal.

— Embora representando o Povo com maiúscula — disse o porta-voz do Conselho — só podemos oferecer um cruzeiro... E é o bastante !

O edifício "à vela", como lhe chamam os moradores da cidade, custou somas vertiginosas. Mais de cento e trinta e dois milhões de cruzeiros em 1949 ! O orçamento do construtor era no início de noventa milhões. Infelizmente, múltiplos erros técnicos, devidos a imprevisão, exigiram grandes trabalhos suplementares que, afinal, não tornaram o custoso edifício mais habitável: o aparelhamento interior ficou inacabado.

A história dêsse famoso edifício está assinalada por singular sucessão de erros. Foi construído sôbre um rio subterrâneo. Para reparar essa incrível omissão, foi necessário, com gastos fabulosos, desviar o curso do

— ✧ —

FILOSOFIA DA GLÓRIA

Exaltar os que vencem sempre é das grandes fraquezas do gênero humano. Isso não quer dizer, porém, que os heróis nem sempre mereçam a admiração embevecida de todos os povos da Terra. O êxito é a pedra de toque do heroísmo. De vencer ou não vencer depende o passar-se à História como um grande homem ou como um pobre diabo.

Se Nelson houvesse perdido a batalha de Trafalgar, seu nome só seria encontrado na lista geral dos defuntos da marinha britânica

A VIDA NÃO TEM ENCANTOS PARA OS HOMENS ESGOTADOS

O Dr. Otto Loewi, professor de pesquisas farmacológicas da Universidade de New York e Premio Nóbel, disse que muitas das modernas drogas medicamentosas foram descobertas pelos homens primitivos. "Parece que a natureza emprestou-lhes um sentido, um poder de reconhecer as plantas medicinais". Haja vista a Marapuama (Acanthe Virilis), usada há muito tempo, pelos nossas silvícolas, no tratamento de várias manifestações de enfraquecimento orgânico e que hoje, associada à Catuaba, completa a fórmula das famosas Pílulas Maratú. Milhares e milhares de pessoas, que fazem uso dêste produto, consideram-no poderoso tônico nervino, empregado no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações. Pílulas Maratú não é um produto de ação passageira, mas sim um restaurador das energias perdidas em conseqüência dos excessos da mocidade.

Pedidos à Cia. Química Distribuidora Carlos de Britto — Rua do Lavradio, 178-A — RIO DE JANEIRO.

ANDARES POR UM CRUZEIRO

rio. O ministro responsável pelos dinheiros dos contribuintes aprovou êsse novo trabalho gigantesco. Um pouco mais tarde verificou-se que os andares superiores jamais poderiam ter água corrente: a pressão da água da cidade não dava para realizar o prodígio.

— Não tem importância! Continuem! ordenou o arquiteto.

— Continuem! — aprovou, com um sorriso nos lábios, o ministro. Os locatários se arranjarão.

Algumas semanas mais tarde um escuro subalterno chamou a atenção de seus superiores para alguns erros que não iam bem.

— Notem — explicou [illegible]

— ✧ —

Se Wellington houvesse sido derrotado em Waterloo, seu nome estaria guardado pelos seus netos, aqueles que não degenerassem. Se Colombo tivesse naufragado no seu cruzeiro ao mundo desconhecido teria passado, durante muito tempo, por um simples maluco. E assim por diante.

Um fato insignificante ou um contratempo inesperado pode comprometer, de vez, tôda uma empreitada. O acidente de uma máquina não desonra o mecânico, mas pode arrancar-lhe da cabeça a coroa de louros. Na vida cotidiana a filosofia é a mesma. Mete-se um homem num negócio: se ganha, é "uma grande capacidade em ação", uma "inteligência dinâmica"; se perde, é um "sujeito de ideias estreitas" que se meteu a sêbo, um presunçoso.

Tal qual como no tempo das cavernas, o homem quase macaco que prostrava o adversário com um golpe de maça, êsse era o que ficava com a habitação e com os animais e a mulher inclusive, de outro.

Hoje êles não se combatem a maça nem a machado de sílex, degladiam-se nos salões de baile, nos chás dançantes, no círculo dos negócios. Em vez de manejar um tacape ou coisa idêntica, dirigem um automóvel. Em vez de carregar os trastes do adversário para a caverna, levam nos para o banquete em Copacabana...

O êxito da vida diante assim como proporciona a glória. A derrota fulmina a miséria, esquecimento não raro o ridículo. Por onde se vê que pouco evoluimos moralmente do tempo da pedra lascada. O "struggle for life" de Darwin é a grande lei universal. Os homens comem-se entre si, quais sanduiches e não mais fazem mais do que, porque Deus deu a alguns a têmpera, a força, a [illegible] dade... Ser tôlo ainda é a melhor forma de ser bom. Os tôlos são os gases inertes da atmosfera moral do universo...

— ✧ —

tem trinta andares. Foi projetado para abrigar 350 famílias. Foram previstos apenas dois elevadores com a [illegible] de máxima de seis pessoas, notoriamente insuficiente, em caso de urgente evacuação do imóvel, exigiria pelo menos duas horas.

— Não tem importância — disseram ainda os responsáveis — continuem...

Continuaram com efeito. Mas continuaram também a errar.

A despeito da tremenda falta de instalações, não apareceu nenhum candidato que se arriscasse a morar naquela tôrre, que com título "orgulho dos construtores". A "Vela" ficou vazia, deserta. Correu o tempo e ela [illegible] vazia, deserta e [illegible]

— ✧ —

Hoje, Alojamentos.

— ✧ —

O mais curioso é que o ministro conseguiu eleger-se deputado nas últimas eleições!...

Eis uma história que parece passada no Brasil, mas, na verdade, passou-se em Amiens, na França, estando atualmente no pelourinho da imprensa gaulesa os srs. Perret, construtor, e Claudius Petit, ministro dos

SUPERFIXO
Alisa qualquer cabelo
O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É GOMOSO
FINAMENTE PERFUMADO E DE APLICAÇÃO AGRADABILISSIMA
SEIVA DE MUTAMBA
A VIDA DOS CABELOS
O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS
PETRÓLEO · ÓLEO · BRILHANTINA.
LABORATORIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITOR MEIRELES, 68 — RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade minima) SUPERFIXO — 6 vidros a Cr$ 20,00
PETROLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros a Cr$ 35,00

A razão por que o diabo é careca

TÔDA gente sabe que o Diabo é calvo e lógico era que assim fôsse, porque, na verdade, a pior das calvas não podia deixar de pertencer ao autor de todo o mal humano. O que nem tôda gente sabe é como Lúcifer perdeu os cabelos.

Pois vou contar, tal como me foi contado a mim por um barbeiro de Pamplona, grande jogador de dominó, entre cortes de cabelos e escanhoadelas, e que tinha uma tabuleta que rezava assim: Barbearia Satanás.

* * *

Ruiva como a estrêla da manhã, vermelha como o Inferno, negra como a noite eterna, a cabeleira do anjo rebelde era tão prodigiosamente abundante que envolvia, como se fôra enorme nuvem, a terra e todo o mar.

Nem o Senhor estava muito desgostoso porque, nem mesmo pondo seus olhos divinos — que, como se sabe, são formados pela última estrêla da Ursa Maior, última do Setentrião, uma [illegible] cauda de um cometa podia distinguir, através da enorme sombra feita da cabeleira de Satan, o Mundo maravilhoso que Êle tinha criado.

E êste desgôsto era naturalíssimo, porque, quando se inventaram as rosas, o menos que pode pedir-se é o prazer de contemplá-las.

Além disso — e é quase confidencial esta afirmação — sabido como é, pelos mais autênticos retratos, que Êle tem muito mais barba do que cabelo, é natural que a farta cabeleira do anjo mau lhe fizesse algum ciume...

Nada seria mais fácil do que incendiar os cabelos de Satanás, mas sentiu escrúpulos de dramaturgo honrado, e, tendo empregado o fogo noutras cenas anteriores, repugnava-lhe repetir. E teria ficado bastante perplexo se o Espírito Santo lhe não falasse assim:

— Por pouco estais preocupado, Senhor. Resolvei, simplesmente, que cada assassinato que se cometa na Terra caia um cabelo a Lúcifer; e basta ver a maneira como os humanos se matam, para que não possamos ter dúvidas de que, em pouco tempo, o Diabo estará careca!

— O quê?! — suspirou o bom Deus — tanto empenho têm em destruir se aqueles que eu fiz? Pois seja. Experimentemos êsse processo.

E disse: "Que Lúcifer perca um cabelo por homicídio que se cometa!".

— Se desejais — acrescentou o Espírito Santo — que a calvície de Satanás se torne mais depressa em realidade, exigi outro cabelo por roubo que se efetue entre os homens e não tardará que o Diabo tenha a cabeça lisa como a cara de um anjinho.

— Custa-me crer que os mortais sejam tão pouco honestos — suspirou, de novo, o bom Deus. — Que necessidade têm êles de roubar, se lhes dou a beleza do Céu e a das mulheres, as flôres, os pássaros, o mar e os bosques, em cuja sombra dormem a sesta? Mas, seja, experimentemos também. E Deus disse: "Que Lúcifer perca um cabelo por roubo que se cometa na Terra!".

E, enquanto esperava, Deus foi ouvir o côro dos Serafins.

Entretanto, o crânio do Diabo sofria autêntica razia.

Ou era um ladrão que roubava um relógio, ou um bandoleiro que assaltava um caminhante, ou Alexandre, o Grande, que conquistava as Índias, ou César que tomava a Gália, ou a rapariga que esvaziava os bolsos do velho burguês adormecido — eram

Catulle Mendes

DR. PAULO PÉRISSÉ
Chefe S. Proct. H. Gafrée Guinle.
VARIZES
suas complicações — úlceras, eczemas, inchações, etc.
Hemorroides sem operação
DOENÇAS ANO-RETAIS
Av. Rio Branco, 108-10.º
Sala 1006
EDIFÍCIO MARTINELLI
diàriamente das 14 às 18
Fones 28-4531 - 52-0251

Rebate de consciência

FOI em Lisbôa que isto aconteceu:

Instalado num "maple" do seu suntuoso gabinete, o sr. Veiga lia o jornal. A certa altura encalhou nesta frase do artigo de fundo. "É vergonha para a Humanidade a existência de homens que não crêem nem na bondade nem na Providência e que enriquecem a arruinar os outros".

O sr. Veiga começou a pensar no caso. E confessou aos seus botões: "Devo reconhecer que levei a vida a fazer passar dinheiro dos bolsos dos outros para os meus, em transações pouco leais. Serei eu um monstro? Serei uma vergonha para a Humanidade?".

Mergulhou, durante longo tempo, nas mais profundas meditações. Levantou-se e foi ao cofre. Os maços de notas alinhavam-se nos escaninhos. Meteu todos dentro duma pasta e, com ar resoluto, saiu.

❖

Numa rua escura viu um par de namorados. Aproximou-se dêles e disse-lhes:

— Sede bem-vindos, ó noivos que o amor purifica! Aceitai êste di-

um cabelo e outro e outro do Diabo que tudo pagavam. Houve operações de Bôlsa e negociatas de grandes trustes que lhe custaram grandes madeixas.

Sua milagrosa cabeleira [illegible] imenso bosque e [illegible] continuava sem ver [illegible] Terra.

E o Espírito Santo disse:

— Ordenai que por palermice que se diga na Terra caia um cabelo a Lúcifer.

— Estais louco?! — exclamou Deus. — Julgais que aqueles a quem eu fiz à minha imagem e a quem dei a alma com o meu hôpro, são todos imbecis?! Mas farei a vossa vontade.

E Deus disse: Que caia um cabelo a Lucifer por asneira que [illegible] Terra!".

Ora: A pobre coleirinha de Belzebu já tendo arrancado [illegible] por ela pela [illegible] um furacão. As conferências [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] esforços da estupidez humana?

Então o Espírito Santo gritou, furioso:

— Vamos pelos meios supremos! Ordenai que [illegible] se dê um [illegible] para Outon um cabelo!

— Custa-me rebentar [illegible] meu! — respondeu o bom Deus. — Mas já que assim o querem [illegible] vossa vontade.

E Deus disse: "Que Lúcifer perca um cabelo a cada [illegible]

Não teve necessidade de acabar [illegible] Deus [illegible]

---

cheiro que me escalda as mãos. Ganhei monstruosamente, atropelando os outros. Aceitai esta pasta cheia de notas de mil cruzeiros!

Ela teve medo, apertou-se contra o rapaz. Apressaram o passo.

— E' insuportável! murmurava ela. — Não se pode sair a rua que não se encontre um bêbedo!

Falhara a primeira tentativa. Mas a pouco longe o sr. Veiga avistava um casal quarentão. Foi [illegible] tro e disse:

— Minha senhora, cavalheiro. Tenho esta pasta cheia de notas de mil cruzeiros, odiosamente ganhas. Aceitai-as. Fico-vos gratíssimo...

A quarentona deu um grito e fugiu. O quarentão levantou a bengala em ar de desafio.

— Este homem com certeza evadiu-se do manicômio — declarou ela.

— Reparaste na cara dêle?

E afastaram-se.

Para a terceira tentativa o sr. Veiga preparou melhor as coisas. Viu um casal de velhinhos de [illegible] e o capitalista pôs a pasta no chão e meio dinheiro espalhado. Os velhinhos pararam.

— Que é isso? — perguntou ela.

Êle remexeu com a bengala:

— E' brincadeira! São papéis pintados. E' brincadeira...

— Não apanhes, para que não caçoem de nós! — completou ela.

E lá se foram pela rua acima.

Durante muitas horas, o sr. Veiga errou pelas ruas da cidade. Experimentou todos os processos para libertar-se da pasta com o dinheiro e todos falharam.

Estava exausto. Eram quatro horas, [illegible] deixou-se cair num banco da Avenida. Não podia mais. Pôs a pasta sôbre os joelhos e lamentou-se: "Dinheiro maldito, dinheiro detestado, que fazes de mim um monstro, e a vergonha da Humanidade. Estarei eu condenado a ter de te guardar?". Chorou. E adormeceu...

❖

Quando acordou, já era manhã. Não sabia, de princípio, explicar o motivo por que estava ali. Depois, a pasta sôbre os joelhos chamou-o à realidade. Abriu-a. Estava vazia. Apertou um [illegible] que dizia-lhe sim.

Se esta "arena" não fôr "farsa," não a procure mais. Se fôr, poderá gabar-se de me ter pregado uma boa partida. Não incomode a Polícia que é inútil.

—x—

ALHOS E BUGALHOS

Cada direito que a mulher conquista é um dever que põe de lado.

x ✧ x

Há mais sinceridade num burro que dá coice do que num namorado que dá uma rosa...

x ✧ x

O desejo é uma pata que acaba esmagando as flôres artificiais do Sentimento...

ANTES
E
DEPOIS
UTEROGENOL
SUPER
REGULADOR

Viagem de Férias

QUANDO, há dias, entrei na Estação D. Pedro II, para tomar uma daquelas decadentes "primeiras classes" do trem de Pati do Alferes, que me iria conduzir à simpática cidade serrana, pensei logo, de mim para comigo, como decerto muitas outras pessoas terão pensado: "Isto vai ser uma estopada mais completa do que atravessar, em triciclo, o deserto de Saara !...

Nesta excelente disposição de espírito guindei-me a pulso, valorosamente, da plataforma da estação para aquela velharia ferroviária e, entre um sorriso de satisfação e um murmúrio de espanto, verifiquei que ali só se encontravam uma jovem muito formosa, de cabelos ondeantes, olhos irrequietos, o trajo impecável, lendo junto da janela de um dos extremos da carruagem um livro volumoso, no outro extremo, um casal de matutos gordos, encarnicados, dos que chegam só por si para "perfumar" um trem inteiro; e, a meio, duas mulheres idosas, com aparência de tristes viuvas, vestindo merinó dos pés à cabeça e levando, como bagagem única, apenas sete cabazes, quatro sacos de lona inchados como balões, duas maletas imundas e uma grade de criação, já sem a dita.

"Oh homem de sorte ! — disse eu, em surdina, lançando à volta um segundo olhar de reconhecimento — que consegue arranjar quase meia carruagem só para ti, e ainda como companheira de viagem uma jovem engraçada que, por certo, vai a morrer de tédio com o emaranhado enrêdo daquele infindável livro...

Dei me pressa em ocupar o lugar em frente da moça, prevendo que, ante tão bela visão, conseguiria encurtar as horas, diminuir os ruídos ciclópicos daquilo... adoçar, enfim, a longa viagem que alguém me pintara com côres tenebrosas.

❖

O trem partiu dai a bocado e, já túnel dentro, como a nossa janela continuasse aberta, pedi com delicadeza:

— Dá-me licença que feche ?

— Por favor... — respondeu, suspendendo a leitura.

— E' tão aborrecido êste túnel, não acha ? — perguntei.

— Detestável; bem melhor seria que acabassem com êle. Já não há razão disto existir

"Céus ! — voltei a pensar, tomado agora de grande satisfação — esta encantadora moça é agradabilissima e vai ser fácil, tal como eu previra, tornar deliciosa a viagem..."

E não deixei esfriar a conversa encetada.

— Eu também não gosto de túneis. Mas... para quem tem de fazer viagem até Pati, depressa esquece. Temos, em compensação, lindas paisagens, sempre variadas...

— O senhor vai para Pati ? — perguntou, com curiosidade.

— Vou, sim; e devo demorar me lá. Desta vez não será só ida e volta, como é costume.

— Conhece Pati ?

— A bem dizer não conheço, moça. Poucas vêzes tenho ido lá e, sempre que o faço, é de passagem, sem tempo para nada. Mas sei que é lugar muito interessante. A senhorita conhece bem, é claro ?

— Sou de lá — respondeu logo, a sorrir, já mais abertamente. — E' de fato lindo lugar, gosto imenso dêle.

— Contudo... como vou desta vez com um pouco mais de tempo, — prossegui, animado — se tivesse lá uma pessoa conhecida assim simpática, gostaria de visitar os pontos mais pitorescos.

— Pode ser que encontre, — retorquiu ela, refor-

— ✧ —

A casa dos professores

— Mestre, Alá não conseguiu a demissão do diretor do Ensino Secundário que lhe negou, para montar a Casa do Professor.

J. K. — Todo mundo me pergunta se você também é do P.R.

Ataulfo — P.R. ?

J. K. — Sim. Você como o Clóvis, é do **Ponha-se na Rua**

çando seu sorriso inebriante — não há nada impossível!...

Nesta altura, como o trem fôsse parar, perguntou:

— Em que estação estamos?

— Não tenha receio de já ter chegado, jovem! Por enquanto, ainda não estamos na metade da viagem.

Ela riu, arrumou o livro na rede e, voltando a sentar-se, disse:

— Vai ser cansativa esta viagem, não vai?

— Quanto a mim, nunca a fiz com tanto prazer!

Houve silêncio.

— Afinal... — arrisquei, envolvendo-a num olhar que me pareceu terno — vamos aqui conversando com tanto prazer e ainda não me apresentei. Se me dá licença... José Soares, correspondente numa Companhia de Seguros.

— Lídia Nunes — retorquiu, sorridente, ao mesmo tempo que me estendia a mão.

— Natural de Paty — acrescentei, ainda com a sua mão entre as minhas — que seu ser lugar muito interessante e espero conhecer um pouco melhor dentro de alguns dias.

A esta fase da conversa, atravessou a carruagem um menino sobraçando uma alcôfa cheia de bananas e ofereceu:

—Bananas! Os fregueses querem bananas?

No desejo de ser gentil, disse à pequena:

— Permite-me que lhe ofereça algumas bananas? A viagem é longa e...

— Ai não, muito obrigada. Não como fora das refeições!

O trem começou a afrouxar uma vez mais.

— Que estação é esta?

Sant'Ana — informei — quer dizer que estamos no Estado do Rio.

Ouvindo isto, a engraçada rapariga ergueu-se, debruçou-se um pouco à janela, e, quando o trem parou, disse a alguém que já a aguardava na estação:

— Estou aqui, vovô! Estou aqui! Afinal nem merecia a pena ter ido ao Rio, guardar lhe um lugar sentado! Hoje o trem vem quase vazio!

Sempre desenvôlta, retirou-se da janela, cumprimentou-me com um leve aceno de cabeça e saiu do trem, desejando-me boa viagem.

Um instante depois, o avô da jovem, senhor dos seus setenta bem puxados, de barbicha à Mazarino, óculos e chinó, ocupava o lugar que ela lhe reservara até ali...

Orozimbo

— ✧ —

ENTRE JUDEUS

Três judeus tinham sido condenados à morte, por fazer propaganda socialista. Dois dêles já tinham mesmo sido enforcados e o verdugo ia passar a corda no terceiro, quando um cossaco entra correndo e grita:

— Alto! Alto! O César o indultou! Suspenso o cerimonial, o judeu não se move.

— Que esperas? Digo-te que és livre. O desgraçado continua sem se mover.

— Porém, o que é que queres? Por que não te vais?

— Diga-me — pergunta o judeu, olhando os dois companheiros: — O que é que V. vai fazer da roupa dos dois?

CLICHE'S

Aceitamos encomendas de clichés:

TRAÇO

FOTOGRAVURA

TRAÇO E FOTOGRAVURA

DOUBLE'S

Entrega rápida

PREÇOS RAZOÁVEIS

RUA FREI CANECA, 383

TELEFONE 32-3721

CULTURA E DIGNIDADE é um opúsculo no qual nosso querido companheiro de redação, Dr. Raul Floriano, o brilhante orador oficial da turma de diplomandos de 1955 em técnicos de contabilidade e auxiliares de escritório da Escola Técnica de Comércio **Amaro Cavalcanti** de Ribeirão Preto, no dia 29 de Janeiro pretérito, naquela cidade do Interior de São Paulo.

Modêsto de modéstia que raia o extremo concebível, o autor começa sua magnífica oração repelindo os títulos honoríficos que lhe emprestaram, títulos que tão bem lhe ornamentam o nome respeitável, declarando:

Um sentido profundo de simpatia humana, a reciprocidade de pensamentos talvez expliquem, de certo modo, o gesto cordial que tivestes para comigo, meus generosos amigos, fazendo-me participar, em condomínio convosco, das alegrias dêste grande dia.

Não exerço nem jamais exerci funções públicas de direção no setor educativo. Êsse professor de direito, que anunciastes em vossos convites, não existe. Sou e tenho sido sempre um estudante que, já nos bancos acadêmicos, enfrentava as lides forenses. Advogado há quase um quarto do século, apenas como advogado tenho forçado a intimidade do Direito e das Ciências Sociais.

ADVOCACIA E MAGISTÉRIO

A advocacia é amante por demais ciumenta para admitir, impunemente, derivativos, mesmo os da cátedra. Como aquela, num gôzo bem feminino, só com o sofrimento ela nos permite a volúpia de... aprender. E' por isso que a aprendizagem da advocacia lembra aquêles cruéis métodos pedagógicos da Idade Média, que os mestres praticavam em tocante fidelidade ao princípio segundo o qual "com sangue a letra entra".

Que coisa é, senão sofrimento atroz, debruçar-se o advogado sôbre uma tese de direito, penetrá-la, fixar-se numa interpretação com exclusão das demais, estadear-lhe os arrimos doutrinários, pojá-la nos princípios legais, tendo trás si um cliente, ser humano dominado pela emoção da luta judiciária, assaltado pela dúvida dos resultados, desconfiado, senão descrente, das possíveis inconstâncias dos juízes, humanos também?

Sofrimento é, sim, a identificação emocional do advogado com os interesses das partes, quando os não distingue dos seus. Pela expectativa do resultado, delongado na marcha modorrenta da Justiça. Pela decisão contrária, fundamentada em melhor direito. Ante a sentença iníqua, fruto da ignorância ou da corrupção do mau julgador. Na luta contra os poderosos, no frenteio à violência. Pela verdade contra o êrro, tendo sempre, como objetivo único, o reajustamento social.

Essa aprendizagem, que se reinicia cada dia, a vida tôda, é, meus caros amigos, verdadeira maceração espiritual, um cálice de amargura para o caminheiro, na senda do direito, em busca da verdade jurídica.

E' certo que as vitórias conseguidas são estímulos para prosseguir e compensação para os travores da luta e das vigílias passadas sôbre os livros, no intermúndio dos labirintos legais. Elas, porém, só vêm afinal após derrotas sucessivas, muita vez exigindo seja o advogado tenaz como a verdade ou resignado como a paciência.

Não, meus jovens amigos, não posso mais aprender, ensinando na serenidade de uma cátedra, alentado pela simpatia dos alunos e o afã de lhes plasmar a mentalidade. Não mo permitem os ciumes zelosos de uma advocacia atarefada.

Tudo isso explicará, talvez, vosso gesto, solidarizando-vos comigo, trazendo-me à colação como vosso paraninfo. Sois parte dessa mocidade, generosa e altiva, que reagiu sempre, e continua a reagir ainda, contra as violações da lei, reivindicando a legalidade, escolhendo para vosso convívio os homens que sabeis livres, embora nem sempre capazes, como o orador que vos fala.

Não pudestes separar o coração da razão. Não o pude também e essa afinidade explica minha aquiescência ao vosso ordenamento. Explicarei, no entanto, por que acolhi o convite.

PROFESSOR, FUI...

Não fôra minha inadaptação às tricas e futricas dessa política de campanário, personalíssima, que se pratica no Brasil e estaria eu a completar, em breve, trinta anos de magistério secundário, num ginásio oficial do Estado de Minas Gerais, e quase trinta e cinco de professorado particular. Lembro-me disso com algum pezar, pois retive dêsses tempos afetuosas recordações.

Professor, fui o usufrutuário do convívio de uma juventude que domina hoje posições de timoneiros na magistratura e na diplomacia, na indústria, na vida política e nas profissões liberais.

Vêde, pois, que minha requisição, para esta cerimônia, me dá ensejo de reviver um passado cuja lembrança me toca as abundâncias do coração. Sereis outros tantos jovens que heide seguir, de hoje por diante, tocado de bons augúrios, rogando as bênçãos do Céu para vossa vitória na luta pela vida.

Prometo retribuir-vos com o coração o que de coração me estais dando. Porque, na verdade, só o coração constrói.

Tece em seguida o autor uma ode ao trabalho e ao progresso de São Paulo, o Estado líder da União, e, após lembrar que São Paulo também é Brasil, diz:

OS DESTINOS DO BRASIL

Mas o orgulho que sentis do vosso São Paulo, meus Senhores, é o mesmo que os brasileiros devem sentir do Brasil. Porque São Paulo é Brasil. Porque o Brasil merece ser conhecido para ser crido. O surto evolutivo que senhoreia o território nacional ainda não convenceu, de maneira tangível, ao cidadão brasileiro. Seu pessimismo, até certo ponto justificável, não

ASSINATURAS
DE
Careta
REGISTRADAS
6 (Seis) MESES .. Cr$ 120,00
1 ANO ..... Cr$ 230,00

lhe permitiu possuir-se da fé num destino radioso.

Falta-lhe aceitar, na sua generalidade, que o país tem reservas inesgotáveis de riquezas, que o trabalho mobilizará para o benefício coletivo. Que êsse trabalho tem frutificado, ao ponto de lhe permitir fornecer vagões ferroviários e elevadores à Argentina. Que, por tôda parte, se constrói e já se abrem estradas e se carreia a civilização e a técnica para inviosos recessos do hinterland brasileiro.

Poderieis julgar que essa profissão de fé nos destinos do Brasil tem sabor de ufanismo inconciente. Não! Há fundamento nesse otimismo, como o há no definir, como quase catastróficas, as condições econômicas e financeiras do momento. Conseqüência dos desgovernos e de seu subdesenvolvimento.

Refere-se então o autor ao caráter manso, pacífico do brasileiro.

Contràriamente à da hispanidade americana, a História do Brasil não se conta pela vida aventurosa de seus homens públicos ou raros caudilhos, mesmo quando se esforçam pela perpetuação no govêrno.

"O desejo de paz define a alma do povo, que resolveu pela arbitragem pacífica todos os litígios de fronteiras com os vizinhos", sintetizou o sociólogo Gilberto Freire.

Seus golpes militares — infelizmente ainda existem — tiveram o caráter de passeatas de tanques pelas ruas entulhadas de veículos particulares da capital do país, a perturbarem o trânsito.

Sôbre a iniciativa particular de fora

EXAME DE CONSCIÊNCIA

Por que, então, com tantas qualidades e virtudes tais, não conseguiu o Brasil ocupar posição de maior relêvo e impor-se! Por que não vence a crise econômica que o assalta e estrangula, deixando-o na categoria dos países subdesenvolvidos?

E terão razoabilidade essas milentas de críticas ásperas que se fazem diàriamente, na imprensa de todo o país?

Mais; que é o em que essa gigantesca ação privada de indivíduos e grandes organizações não consegue vencer êsses óbices que se antepõem à afirmação do país no intermúndio das nações?

Algo está errado e deve ser corrigido. Falta alguma coisa, em muitos corações, que precisa ser restaurada. E' o patriotismo. Não o patriotismo de palavras e entusiasmo por tudo que é nosso, mas êsse que "observa com rigor para levantar sôbre o que é mau a perspectiva do que é bom, para tirar do que é bom a possibilidade do melhor", na definição de Gilberto Amado

Sôbre a iniciativa particular es-

Não basta que a iniciativa particular construa êsse Brasil, que já nos impressiona, se o não fizer com esmerado espírito público, com o desejo permanente de trabalhar para a coletividade. Êsse esfôrço, que carreia as riquezas para os que produzem, não deve empobrecer os que consomem. O objetivo do lucro não pode desenfrear-se ao ponto de devastar as riquezas nacionais.

O enriquecimento repentino é conseqüência do aumento excessivo dos preços e conduz às justas reações coletivas das massas empobrecidas. Os milhões canalizados para os cofres dos magnatas que produzem caro, abandonam os lenços ou os bolsos magros dos que se debatem contra a miséria.

O espírito público dos opulentos é indispensável ao bem estar coletivo.

UM ESTADO DE ESPÍRITO

De que vale êle, porém, se a iniciativa pública, a moralidade e o patriotismo dos homens de govêrno lhes não ajudar?

Eis aí o grande problema brasileiro, meus jovens amigos, êsse para o qual peço vossa atenção. Abster-me-ei de falar-vos ao pormenor sôbre o exercício de vossa profissão, para focalizar, perante vossos espíritos, a realidade de um panorama contristador. Como ides exercê-la, já vô-lo ensinaram os vossos dedicados mestres. Deixai-me bosquejar o estado de espírito com que deveis fazê-lo.

Êsse estado de espírito deve ser variável a cada momento, cambiando entre o amor e a ira, do aplauso à reprovação cáustica, sem a aprovação incondicional ou a repulsa sistemática. Leais para convosco mesmos no cumprimento do dever, para que não vos falte autoridade na luta contra essas massas aluviais de fraudes, indignidades e assaltos, que se praticam no exercício de cargos públicos.

OS MAUS HOMENS PÚBLICOS

Os maus homens públicos nada poderão fazer contra a vossa reação irada e o vosso desapreço. As posições de govêrno se conquistam pelo voto. A instrução de uns e o severo juízo crítico de todos poderão saneá-las, conduzindo ao Poder apenas aqueles cujo passado valha por um abono de seus atos futuros. Mas, se traídos em vossa confiança, retirai-lhes vossa confiança, o apreço que lhes destes, e êles cairão, para benefício da coletividade.

Se não o fizerdes, se não o fizermos todos nós, então só um cataclisma sangrento reavivará êste grande Brasil, a caminho de seus imensos e possíveis destinos.

E devemos fazê-lo para que nunca mais um magistrado honesto possa escrever, num decreto judicial, ante as provas dos autos, estas palavras candentes:

> "não vejo existir neutralidade entre a virtude e o vício: entre a mentira e a verdade; entre o autêntico e o apócrifo; entre a hipocrisia e a sinceridade.
>
> Realmente, furta-se a União; enfraquece-se de tal modo o patrimônio dêste país que não se sabe até onde chegam as coisas".

Maus cidadãos, meus amigos, são os que, por ignorância ou desonestidade, espoliam ou deixam espoliar a coisa pública, em detrimento de interesses coletivos. Mau cidadão é o policastro, que Rui definiu e verberou. Difere êle do homem de Estado, com quem Barthou o comparou, num paralelo constrangedor: "A palavra do político deve ser uma fôrça posta a serviço do bem público. O politiqueiro, porém, vive da política que explora como um ofício, para dela extrair honras e dinheiro. Pouco lhe importam o interêsse geral e o porvir. Só se ocupa de si mesmo e das vantagens que lhe trazem seus conchavos e expedientes". Não se agita para o futuro, negocia para outros pleitos.

Deveis conter o ímpeto dêsses corrompidos e corrutores, cuja arma é a função que o Estado lhe confia ou a representação que o eleitor lhe outorga.

INVENTÁRIO DE UMA ÉPOCA

Porque não se o faz, a corrução elege assento na administração pública, o contrabando se oficializa contra os interesses nacionais, as verbas são desviadas, o filhotismo se assanha contra as arcas do Tesouro Nacional e os testamentos nomeatórios refertam os órgãos oficiais, ao término dos períodos governamentais.

Há mais, porém, a verberar: a aprovação das contas de governantes que se faz ao pêso das maiorias parlamentares; a luta de administradores em juízo para se eximirem de provar a bôa aplicação das verbas que manipularam.

Essas generalidades lembram fatos de ontem e de hoje. Quantos mais

21-4-1956

O demolidor

— Quando você propôs a reforma da Constituição para adotar a maioria absoluta, a delegação de poderes e modificar a lei eleitoral, que disseram êles ?!

Nereu — Chamaram-me de **Carlos Lacerda**...

ocorrem dia pós dia, enchendo de desilusão de espiritos sadios ? Sintomas de um mal terrivel, êles eclodiram em manchetes de jornais quando a censura o permitiu e não lograram, ao menos, afastar os acusados de seus cargos, enquanto se os investigaram, quando houve investigação.

Reaciona-se, com aplausos de alguns, contra a aplicação da lei que obriga a declaração prévia de bens por aquêles que vão ocupar postos públicos Por que, meus amigos, enxergar nesse gesto uma humilhação, se êle é legal, se tudo está a indicar a sua necessidade ?

Quando as comissões parlamentares de inquérito forçaram as portas do Banco oficial, os negócios de favor e as negociatas escusas não puderam evitar o publicidade escandaloso

E o achaque contra os que dependem da ação governamental ?

E os escândalos de importação e de exportação ? De muitos dêsses não se provou ou não se quis provar a autoria, mas êles foram constatados.

Mas, nem só é de lamentar-se a ação conducente ao enriquecimento ilicito. Sobrepujam-na os deslizes morais, coletivos ou individuais, cuja enumeração seria impossivel, mas todos a engravescerem o panorama que vos bosquejo.

Apouca-se o Parlamento ante personalidades de poder decisivo, embora momentâneo, para dar cunho de legitimidade às suas ilegalidades. E se tufam membros seus, sem se terem em desdem o nôjo. Antes exultam de suas vitórias, buscadas pelo mêdo e o interesse.

A administração pública no Brasil, meus amigos, não logrou ainda agir como um todo, num isocronismo indispensável. Não pôde evitar, por isso, os absurdos das atuações contrárias de órgãos diferentes.

As reformas que se sucedem nas mudanças de governantes lisonjeiam a vaidade dêles; mas, quase nunca, edificam para o bem comum.

Os aumentos de salários agravam as dificuldades e a carestia da vida; mas satisfazem o impeto demagógico dos maus politicos. Só o incremento da produção, numa politica de maior assistência ao produtor, estimulado por livre concorrência, conduzirá ao barateamento das utilidades.

UM ESPÍRITO DE LUTA

Não fôra pelo desejo de concitar-vos à fidelidade dos principios sadios do patriotismo construtor, não estaria eu aqui a revolver essas verminairas da atuação pública, no Brasil. A taconharia dos incapazes ou a astúcia dos aproveitadores sabem desagradàvelmente ao espirito dos bem formados.

São, porém, realidades que não deveis despressentir para combatê-las, edificando dentro de vós mentalidade capaz de repulsá-las, de não pactuar com elas, de não as aplaudir.

Êsse, meus amigos, o estado de espirito com que deveis atirar-vos às atividades cotidianas de vossas profissões. Se vencerdes, tereis o gaudio do ideal realizado. Vencidos, a consciência vos tranqüilizará por terdes cumprido vosso dever, o que é maneira de ser feliz.

Para terminar, resta-nos chamar a atenção dos leitores para a data em que foi proferido êsse magnifico discurso. Vigorava, em 29 de Janeiro dêste ano, o estado de sitio imposto à Nação pelos autores das infâmias de 10 e 21 de Novembro de 1955, atos que encheram o Brasil de vergonha e opróbrio.

CULTURA E DIGNIDADE foi editada pela Livraria São José, sita à rua de São José n º 38, nesta capital

x ✧ x

A MAIOR PEPITA DE OURO

Até agora, a maior que se viu foi a chamada "Sarah Sands", encontrada por feliz mineiro australiano Pesava ela cêrca de 113 quilos.

MURAIS

por **Sylvio Figueiredo**

NOSSA Biblioteca Nacional uma das mais ricas de todo o mundo e a mais abandonada de todo mundo, tem, decididamente, caveira de burro. Não lhe bastava o desinteresse dos poderes públicos, mais voltados para casernas e hangares e torpedeiros que nos erguem às culminâncias de potência militar de analfabetos e desnutridos. Nem o acanhamento e a inconveniência do edifício falho de ventilação, tudo enfim que concorre para afastar os consulentes já escassos. A Biblioteca Nacional ganhou há tempo dois murais. Lá estão ambos à entrada: um à direita, outro à esquerda do vestíbulo, por sinal dos mais feios da chamada escola **modernista**, a espantar os visitantes como dragões à bôca de uma furna de contos de fadas.

A autora, creio que uma norte-americana, ofereceu-os de graça à nossa casa dos livros. O gesto foi sem dúvida encantador e merecia nesse agradecimento em larga curvatura o artista gentil, não fôra o mal que está causando e continuará a causar à educação artística dos nossos patrícios a exibição daquelas tartarugas sem desenho, sem claro-escuro, sem colorido, pintura primitivista, quase infantil, de tintas berrantes, de execução grosseira e de pobreza franciscana que nos move às lágrimas.

Não é pintura, aquilo, aquelas carnes de **morgue**, aquelas hipertrofias, aquelas caquexias e edemas e lividezes. É' arte de hospital.

Num dos murais há uma figura librada que se esperar o leve, esvoaçante como floco de algodão e que no entanto, parece pesar elefantinamente, ameaçando esmagar o que lhe está por baixo. É um bólide humano que busca o centro da terra e pela terra se meteria como o **Bendegó** no Sertão da Bahia. Ao vê-lo a gente pensa de imediato nas figuras de Rauschenberg, nas de Matisse, de tantos outros que passam longe e ainda mais uma vez pergunta: por que diabo insistem esses **reformadores** em nos impingir uma arte de passado tão remoto, uma técnica de primitivistas, com os defeitos mais voluntários, intencionais, arrogantemente defendidos, dos que no fundo dos séculos criavam tateantes uma grande e nobre arte.

Louvemos contudo a artista de cor pelo seu desinteresse ao oferecer-nos de graça dois trabalhos que veriam fàcilmente adquiridos a bom preço por um dêsses burgueses tão enfronhados quanto ignorantes que pululam no mercado e não mandam o pintor à merda em revista e jornais, empregando as frases da Fama para mais elogiar a feiúra da artista.

COZINHA HISTÓRICA

"A história da U R S S foi falseada durante os últimos trinta anos. As obras históricas do Partido lançou pouca luz sôbre as atividades dos camaradas de Lenine, os antigos bolcheviks. Estas frases surpreendentes foram pronunciadas da tribuna do XX Congresso do P C em Moscou, pela historiadora do Partido Sra. Pankrateva.

Conta um correspondente indiscreto que o presidente Pierre Taittinger lançou um olhar interessado no jornal que lhe trouxe seu filho depois sorriu.

— Estas declarações, que tanta surprêsa causaram, não estão de acôrdo com os métodos políticos soviéticos, mas entretanto se compatriotas estão sempre habituados a engolir cobras, sejam quais forem... Elas se destinam, indubitàvelmente, a uso externo. Contudo, alguns dos nossos dirigentes devem meditar sôbre elas e nelas inspirar-se.

— Como assim?

— Devem rever útil e honestamente o modo pelo qual foi escrita nossa própria história nos últimos anos. Não um livro de história da U R S S foi falseado mas a nossa, eu estou seguro, aquêles que não contaram. Mum pelo patriotismo da guerra e a vitória do Povo para imitarmos os êsses três exemplos nada têm a invejar a Stalin.

GUERRA DE FORMIGAS

Os índios [illegible] no Maurício utilizam meio muito curioso para destruir os terríveis [illegible] formigas bravas que destroem plantações e tudo que é de madeira.

Quando [illegible] em numa das árvores [illegible] as formigas [illegible] a gente [illegible] formigas prêtas nos campos e depois as misturam com aquelas.

Essas espécies de formigas são inimigas mortais. Em poucas horas as prêtas, que são muito mais fortes do que as brancas, exterminam-as e limpam da praga as habitações.

O mais curioso do caso é que cada uma das vencedoras pega no corpo das vencidas e os leva para o formigueiro a fim de devorá-los tranquilamente.

POMADA MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL
PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

Careta

ENCONTRA-SE À VENDA
nas principais bancas de jornais e revistas de todo o país, ao preço de Cr$ 4,00

AGENTE GERAL PARA O BRASIL
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S. A.
Av. Pres. Vargas, 502, 19.º and.
Rio de Janeiro
Tel. 43-6161

NOS ESTADOS E TERRITÓRIOS
TERRITÓRIO DO GUAPORÉ: Livraria Violeta, Cruz & Cia. (Pôrto Velho).
AMAZONAS: Livraria Escolar Ltda., Rua Henrique Martins, 177/181 (Manáus).
PARÁ: Albano H. Martins & Cia., Trav. Campos Sales, 85/89, (Belém).
MARANHÃO: Ramos d'Almeida, Praça João Lisboa, 114, (São Luís).
PIAUÍ: Cláudio Moura Tote, Rua Coelho Rodrigues, 1189, (Teresina.)
CEARÁ: J. Alaor de Albuquerque & Cia., Praça do Ferreira, 621, (Fortaleza).
RIO GRANDE DO NORTE: Luís Romão, Av. Tavares de Lira, 48 (Natal).
PARAÍBA: S. A. Luna, Rua do Riachuelo, 266, (João Pessoa).
PERNAMBUCO: Joel Moura, Rua da Matriz, 121, (Recife).
ALAGOAS: Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Rua da Bôa Vista, 111 (Maceió).
SERGIPE: Livraria Regina Ltda., Rua João Pessoa, 137, (Aracaju).
BAHIA: Distribuidora de Revistas Sousa Ltda., Rua Saldanha da Gama, 6, (Salvador).
MINAS GERAIS: Soc. Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda., Av. Andradas, 280, (Belo Horizonte).
ESPÍRITO SANTO: Alfredo Copolillo, Rua Jerônimo Monteiro, 361, (Vitória).
SÃO PAULO: Distribuidora de Jornais e Revistas, A Intelectual S. A., Avenida Casper Líbero, 36 - 3.º and., salas 307/8, (São Paulo)
PARANÁ: J. Chignone & Cia. Ltda., Rua 15 de Novembro, 423, (Curitiba).
SANTA CATARINA: Arthur Beck, Caixa Postal 130, (Florianópolis).
RIO GRANDE DO SUL: Salvador La Porta, Rua 7 de Setembro, 723, (Pôrto Alegre).
MATO GROSSO: R. Carvalho & Cia., Praça da República, 20, (Cuiabá).
GOIÁS: Agrício Braga, Av. Anhanguera, 78, (Goiania).

TEMOS EM TÔDAS AS GRANDES CIDADES DOS ESTADOS, SUB-AGENTES ENCARREGADOS DE NOSSA DISTRIBUIÇÃO

Uma Aventura de Balzac

Em certo dia de chuva ia Balzac a pé pelas ruas de Paris; como todos os grandes espíritos, tinha o mais profundo horror por êsse móvel acidental que se chama guarda-chuva. A certa altura, porém, como a chuva se tornasse torrencial e não tivesse uma acrruagem à mão, tomou o partido de abrigar-se à soleira de certa casa de residência — a mais próxima, naturalmente, e ali ficou, sob a proteção das telhas, à espera de que passasse a carga dágua.

Aconteceu que, erguendo os olhos para o prédio fronteiro, percebeu o romancista uma jovem que, com o dedo mínimo, abria a intervalos a cortina da janela para olhá-lo.

— Ahn! Ahn! exclamou êle. Essa moça é bem curiosa, mas é ainda mais bonita que curiosa! E começou a endireitar-se, repuxando as mangas, consertando a gravata.

Breve, a figura feminina da janela mostrou-se de modo mais favorável: estava radiosa de beleza e de curiosidade. A cortina abria-se e se fechava a todo instante, o que dava que pensar a Balzac. Pensou êle mesmo tê-la já visto na Ópera e começou a abençoar intimamente aquela chuva.

Qual não foi, porém, sua surprêsa, quando um criado, saindo da casa fronteira, aproximou-se dêle com um guarda-chuva e, entregando-lho, disse:

— Aqui está, senhor, êste guarda-chuva que minha patrôa lhe manda.

Estupefato, intrigado por essas palavras, Balzac nada perguntou ao criado. Recebeu o guarda-chuva e, com exagerado cumprimento de chapéu, saudou galantemente a moça que se mantinha sempre por trás da cortina. Depois foi-se embora com sorriso triunfante e satisfeito.

No dia seguinte bem cedo Balzac levantou-se, tratou de pentear-se e de perfumar-se o melhor que pôde. Vestiu seu melhor terno, comprou luvas brancas e, apanhando o guarda-chuva, pôs-se a caminho para agradecer à encantadora mulher **sua astúcia** e sua benevolência. Como, porém, era cedo demais para a visita, julgou êle de maior galanteria, guardar para êle, como lembrança, o velho guarda-chuva e comprar um novo para entregá-lo à moça como se fôsse o dela.

Soou meio-dia. Balzac faz-se anunciar, entra e, balbuciando um agradecimento, entrega à jovem o guarda-chuva. A moça toma-o entre os dedos delicados, examina-o e o põe de lado, sem parecer que se apercebeu da substituição.

— Nada há que agradecer, declara ao visitante. Meu guarda-chuva estará sempre à sua disposição.

— Muito obrigado, minha senhora, responde êle. Mas, afinal de contas, a senhora não foi atoa que me mandou êste guarda-chuva, isso não é costume, a não ser em caso extraordinário...

A moça percebeu e, adivinhando a intenção do visitante:

— Certamente, senhor. Eu tinha na verdade uma razão para emprestar-lhe meu guarda-chuva. E acrescentou:

— Ouça: estimo-o bastante e não quero ocultar-lhe o motivo: é que eu esperava um amigo que devia chegar justamente à hora em que o senhor se colocou ali defronte. Como isso me embaraçava e constrangia, mandei-lhe o guarda-chuva para que o senhor se fôsse embora o mais depressa possível...

O otimismo é a vontade de procurar diamantes numa carvoaria...

x ✧ x

Um homem que, de pistola em punho, rouba outro homem, chama-se "ladrão" e vai para a cadeia. Uma mulher que furta um homem por meio de beijos e abraços, chama-se "dama de alto bordo" e vai para a Europa...

✧

Musical
ANTÔNIO MARIA

UMA ATRAÇÃO DA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

(ORGANIZAÇÃO VITOR COSTA)

'AS QUARTAS FEIRAS, 'AS 21 HS

Sempre um grande
ESPETACULO

patrocinio da

LOÇÃO JUVENIA
Restaurador dos cabelos Não é tintura, não contem nitrato de prata!

Vinol

COMBATE A ANEMIA